



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

DARLENE DA SILVA GOMES DE BRITO

**A POSIÇÃO DO SUJEITO EM DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS DO
JORNAL “O ARARAQUARENSE”: UM ESTUDO VARIACIONISTA**



Araraquara – SP
2013



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

DARLENE DA SILVA GOMES DE BRITO

**A POSIÇÃO DO SUJEITO EM DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS DO
JORNAL “O ARARAQUARENSE”: UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Monografia apresentada ao Conselho de Curso em
Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/
Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do
título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Araraquara – SP

2013

DARLENE DA SILVA GOMES DE BRITO

**A POSIÇÃO DO SUJEITO EM DIFERENTES GÊNEROS TEXTUAIS DO
JORNAL “O ARARAQUARENSE”: UM ESTUDO VARIACIONISTA**

Monografia apresentada ao Conselho de Curso em Letras, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Data da defesa/entrega: 12 de dezembro de 2013

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro Titular: Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa

Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Membro Titular: Profa. Ms. Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre

Doutoranda PPG em Linguística e Língua Portuguesa

Local: Unesp- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Faculdade de Ciências e Letras
Campos Araraquara-SP

A minha mãe, Leni e aos meus irmãos Sidnei,
Washington e Priscila, que com paciência,
companheirismo, apoio e, principalmente, amor,
sempre me transmitiram força, garra e confiança
para concluir esta importante etapa.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, a Deus, pois sem ele nada seria possível, guiou meus caminhos e iluminou minha mente, me deu força para nunca desistir dos meus objetivos e me ensinou a alcançá-los com humildade e honestidade.

À minha mãe, Leni da Silva, por me apoiar incondicionalmente e sempre estar ao meu lado quando precisei, pela maravilhosa educação que me deu e por nunca deixar que eu me abalasse nos momentos difíceis. Aos meus irmãos, que são uma parte de mim e que sempre me ajudaram. Vocês são as pessoas mais importantes da minha vida!

À minha orientadora, Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck, pelo vasto conhecimento que me proporcionou em todos esses anos, pela dedicação e profissionalismo transmitidos, por me direcionar e me apresentar à linha de pesquisa, na qual me encontrei e pretendo seguir por toda minha carreira acadêmica. Agradeço sua atenção e paciência e, principalmente, pelo enorme prazer de tê-la tido como professora e orientadora. Minha eterna admiração. Rosane, quando eu crescer quero ser igual a você!

À Sabrina Rodrigues Garcia Balsalobre por estar comigo onde tudo começou e por toda ajuda e conselhos oferecidos ao longo desses anos. Muito obrigada por ser essa pessoa tão especial, na qual me espelho e tenho profunda admiração.

Às minhas amigas, Aline Lopes, Beatriz Amaral, Bruna Mota, Élid dos Santos, Elenir Carvalho e Samanta de Padua, pelos lindos momentos que passamos juntas. Muito obrigada por terem me proporcionado os quatro melhores anos da minha vida, pelas risadas, companheirismo, diversões, loucuras, momentos de tensão pré-seminário, aturarem meu estresse e por serem essas amigas lindas que nunca me abandonaram e souberam ser amigas em qualquer situação. Passe o tempo que passar, a amizade e o amor que sinto por cada uma, nunca morrerão!

À minha amiga, Aline Antunes de Oliveira, por estar ao meu lado em todos os momentos, por ser uma pessoa incrível, pelos conselhos e repreensões, por nunca me deixar desistir, por me mostrar o lado bom de tudo e o quanto sou forte e posso dar meu melhor sempre. Obrigada por todos esses anos de amizade e cumplicidade!

A todos que participaram e contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho com palavras, conselhos e, principalmente, compreensão.

Resumo

Este trabalho objetiva estudar o fenômeno da posposição do sujeito com relação ao verbo em distintos tipos e gêneros do jornal: *O Araraquarense* do início do século XX, e verificar se há alguma diferença entre eles, quanto à posição do sujeito na frase. A escolha de um *corpus* jornalístico é devida ao fato de seu texto ser muito propício para analisar os processos de implementação de uma possível mudança no português brasileiro; por se tratar de um texto público, o qual atua sobre os elementos da situação sócio-histórica em que está inserido e por sofrer influências dessa situação. Foram analisados dados coletados de *artigos de opinião* e *notas sociais*, levando em conta os tipos textuais: “*descrição, dissertação, injunção e narração*” (TRAVAGLIA, 2003, p.103). Constatou-se que os tipos (*dissertativo* e *narrativo*) foram predominantes nos *artigos de opinião*, e que somente o tipo *narrativo* esteve presente nas *notas sociais*. A posição do sujeito foi analisada em função dos seguintes grupos de fatores: *tipo sintático do verbo, tipo morfológico do sujeito, padrão de construção* e *tipo textual*. Como principais resultados, constatou-se: (i) um índice de posposição de 47% em *notas sociais* e de 19,2% em *artigos de opinião*; (ii) *tipo do verbo* (transitivo direto) 21,7% em *artigos de opinião* e 44,7% em *notas sociais*; neste mesmo gênero os verbos (inacusativo, bitransitivo, intransitivo e verbo de ligação) apresentaram, respectivamente, 71%, 45%, 37% e 37,9%; (iii) *tipo morfológico do sujeito* (sintagma nominal) em *artigo de opinião* 16,5% e 41,4% em *notas sociais*, 28,2% de (pronome pessoal) em *artigo de opinião* e 68,3% de (nome próprio) em *notas sociais*; (iiii) *tipo textual* (narrativo) 47,6% em *notas sociais* e em *artigo de opinião* 18,8% (dissertativo) e 27,8% (injuntivo).

Palavras- chave: Posição do sujeito. Gênero textual. Tipo textual. Texto jornalístico.

Resumen

Ese trabajo objetiva estudiar el fenómeno de la posposición del sujeto con relación al verbo en distintos tipos y géneros del periódico: *O Araraquarense* en inicio del siglo XX y verificar si hay alguna diferencia entre ellos, cuanto a la posición del sujeto en la frase. La elección de un *corpus* periodístico se debe al hecho de que sus textos son muy propicios para el análisis de los procesos de implementación de un posible cambio en portugués brasileño; por ser un texto público, el cual actúa sobre los elementos de la situación socio-histórica en que está inserido y por sufrir influencias de esa situación. Fueron analizados los datos colectados de la sección *artículos de opinión* y *notas sociales*, llevando en consideración los tipos textuales: “*descripción, disertación, injunción y narración*” (TRAVAGLIA, 2003, p.103). Constatase que los tipos (*disertativo* y *narrativo*) fueron predominantes en los *artículos de opinión*; solamente (*narrativo*) estuvo presente en las *notas sociales*. La posición de sujeto fue analizada en función de los siguientes grupos de factores: *tipo sintáctico del verbo, tipo morfológico del sujeto, padrón de construcción* y *tipo textual*. Como principales resultados, constatamos: (i) un índice de posposición de 47% en *notas sociales* y de 19,2% en *artículos de opinión*; (ii) *tipo del verbo* (transitivo directo) 21,7% en *artículos de opinión* y 44,7% en *notas sociales*; en este mismo género los verbos (inacusativo, bitransitivo, intransitivo y verbo de ligación) presentaron, respectivamente, 71%, 45%, 37% e 37,9%; (iii) *tipo morfológico del sujeto* (sintagma nominal) en *artículo de opinión* 16,5% y 41,4% en *notas sociales*, 28,2% de (pronombre personal) en *artículo de opinión* y 68,3% de (nombre propio) en *notas sociales*; (iiii) *tipo textual* (narrativo) 47,6% en *notas sociales* y en *artículo de opinión* 18,8% (disertativo) y 27,8% (injuntivo).

Palabras- clave: Posposición del sujeto. Género textual. Tipo textual. Texto periodístico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita.....	15
Figura 2- Frequência de V SN segundo a transitividade do verbo nos três corpora	24
Figura 3- Primeira página do jornal <i>O Araraquarense</i> . número 114. 7 de janeiro de 1912	26
Figura 4- Fragmento da <i>Seção italiana</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 129. 21 de abril de 1912	30
Figura 5- Exemplo da coluna <i>Diversões</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 122. 03 de março de 1912	32
Figura 6- Página quatro de <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 122. 03 de março de 1912.....	33
Figura 7- Cores usadas para representar cada <i>tipo textual</i> durante as análises	35
Figura 8- Exemplo de texto com tipo textual <i>argumentativo</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 136. 09 de junho de 1912.....	39
Figura 9- Exemplo de texto com tipo textual <i>injuntivo</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 111. 10 de dezembro de 1911	40
Figura 10- Exemplo de texto com tipo textual <i>injuntivo</i> e <i>argumentativo</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 143. 10 de agosto de 1912.....	41
Figura 11- Exemplo de texto com tipo textual <i>narrativo</i> e <i>argumentativo</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 114. 07 de janeiro de 1912	41
Figura 12- Exemplo de tipo textual <i>narrativo</i> no <i>artigo de opinião</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 137. 20 de janeiro de 1912	42
Figura 13- Exemplo de texto com tipo textual <i>narrativo</i> em <i>nota social</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 123. 10 de março de 1912.....	42
Figura 14- Exemplo de texto com tipo textual <i>argumentativo</i> , mas com <i>narrativo</i> para reforçar o argumento. <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 125. 24 de março de 1912..	43
Figura 15- Exemplo de texto com tipo textual <i>narrativo</i> e <i>descritivo</i> . <i>O Araraquarense</i> . Ano III, número 147. 29 de agosto de 1912.....	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Resultado geral da posposição do sujeito no <i>artigo de opinião</i>	45
Gráfico 2- Resultado geral da posposição do sujeito nas <i>notas sociais</i>	45

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Padrões de construção nos dados dos <i>artigos de opinião e notas sociais d'O Araraquarense</i>	46
Tabela 2- Posposição: tipo de verbo e construção	46
Tabela 3- Posposição: tipo morfológico do sujeito	47
Tabela 4- Posposição: tipo de verbo	48
Tabela 5- Posposição: tipo textual	48

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 Sociolinguística	12
2.2 Gênero e Tipo textual.....	14
2.3 Tipologia textual.....	16
2.4 O fenômeno de estudo: posição do sujeito em relação ao verbo.....	18
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	26
3.1 Corpus	26
3.1.1 O Araraquarense	26
3.1.2 Etapas do trabalho.....	34
3.2 A posição do sujeito: grupo de fatores analisados.....	36
4 ANÁLISE	38
4.1 A identificação do tipo textual	38
4.2 A análise da posição do sujeito	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS.....	52
1. APÊNDICE: Grupo de fatores analisados	54
2. APÊNDICE: Todos os dados quantificados pelo programa GOLDVARB (Tagliamonte, 2006)	55
3. APÊNDICE: Amostra de frases analisadas	63

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo observar e comparar o fenômeno da ordem “*sujeito-verbo*” no jornal paulista *O Araraquarense* no início no século XX dentro dos gêneros: *artigo de opinião* e *nota social*. Para realizar o trabalho proposto, primeiramente criou-se um *corpus* com fotos do jornal selecionado, por meio de coletas feitas, com frequentes visitas, ao Arquivo Público Rodolpho Telarolli, localizado no centro de Araraquara- SP.

Para verificar se há diferença na posição do sujeito dentro dos gêneros, *artigo de opinião* e *nota social*, analisados, levamos em conta fatores comprovadamente relevantes para o estudo desse fenômeno, o tipo morfológico do sujeito, o tipo sintático-semântico do verbo, a construção da frase (SVS(X)- VS(X)- XSV(X)- SXV- VXS) e os tipos textuais (*narrativo, descritivo, dissertativo e injuntivo*).

O trabalho está organizado da seguinte maneira: na seção 2, faremos uma breve fundamentação teórica sobre sociolinguística, *gênero* e *tipo textual, tipologia textual* e sobre o *fenômeno da ordem* em questão. Na seção 3, mostraremos quais foram os procedimentos metodológicos utilizados para a análise, apresentaremos o corpus, uma análise do jornal *O Araraquarense*, todas as etapas do trabalho e os grupos de fatores usados para analisar a posição do sujeito, exemplificados com frases. Na seção 4, encontra-se a identificação de cada tipo textual dentro dos gêneros já mencionados, fotos ilustradas dos respectivos tipos textuais e a análise de todos os dados selecionados. Na seção 5, faremos a conclusão de tudo que foi pesquisado e proposto nesta monografia. Finalmente, trazemos, os apêndices com uma lista dos grupos de fatores, os resultados da quantificação feita com o auxílio do programa estatístico e uma exemplificação dos dados analisados.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sociolinguística

A relação linguagem e sociedade é a base da constituição do ser humano. A humanidade tem sua história organizada em sociedade e é detentora de um sistema de comunicação oral, isto é, de uma língua. Para tratar, justamente, dessa relação entre linguagem e sociedade, criou-se a área da Sociolinguística. (ALKMIM, 2001)

A autora explica a existência de uma área dentro da Linguística que trata das relações entre linguagem e sociedade, expondo estudiosos do fenômeno linguístico e suas posturas teóricas com o fazer científico da tradição cultural em que estavam inseridos. Começa expondo o comentário de Câmara Jr. sobre o importante linguista do século XIX, Augusto Schleicher que “[...] como todos os linguistas anteriores a ele, tinha a ambição de elevar o estudo da linguagem ao status de uma ciência rigorosa com rigorosas leis de desenvolvimento” (ALKMIM, 2001). Complementa dizendo que a linguagem é vista por Schleicher como um ramo da História, ciência humana, e seu desenvolvimento era comparável ao de uma planta que nasce, cresce e morre segundo leis físicas.

Alkmim (2001) aponta que foi no século XX que a Linguística teve um papel decisivo na questão da relação linguagem-sociedade. Mais especificamente com a constituição da tradição estruturalista, iniciada por Saussure em seu Curso de Linguística Geral, em 1916, já que:

É Saussure quem define a língua, por oposição à fala, como o objeto central da Linguística. Na visão do autor, a língua é o sistema invariante que pode ser abstraído das múltiplas variações observáveis da fala. Da fala, se ocupará a Estilística, ou mais amplamente, a Linguística Externa. A Linguística, propriamente dita, terá como tarefa descrever o sistema formal, a língua (ALKMIM, 2001, p. 23)

Somente a partir da década de 30 que muitas obras se tornam referências obrigatórias quando o assunto é o social no campo dos estudos linguísticos. A autora nomeia grandes estudiosos ligados ao contexto europeu e suas principais ideias, como: Antoine Meillet “aluno de Saussure, filia-se à orientação diacrônica dos estudos

linguísticos, mas para ele, a história das línguas é inseparável da história da cultura e da sociedade” (2001, p.24)

Mikhail Bakhtin:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de Formas lingüísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *iteração verbal* realizada através da *enunciação* ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN apud ALKMIM, 2001, p. 25).

Marcel Cohen “assume a questão das relações entre linguagem e sociedade a partir da consideração de fatores externos”; Émile Benveniste “[...] é pelo exercício da linguagem, pela utilização da língua, que o homem constrói sua relação com a natureza e com os outros homens”; e Roman Jakobson “privilegia o processo comunicativo e os aspectos funcionais da linguagem” (ALKMIM, 2001, p. 24-26).

Em 1964, o termo Sociolinguística é fixado em um congresso organizado por William Bright, que define e caracteriza a nova área de estudo. Sua proposta para a Sociolinguística é a de que ela deve:

Demonstrar a covariação sistemática das variações linguística e social. Ou seja, relacionar as variações linguísticas observáveis em uma comunidade às diferenciações existentes na estrutura social desta mesma sociedade (BRIGHT apud ALKMIM, 2001, p. 34).

Segundo a autora, o termo “sociolinguística”, reuniu e agregou, no seu início, pesquisadores marcados pela formação acadêmica em distintos campos do saber e pela preocupação com as implicações teóricas e práticas do fenômeno linguístico na sociedade norte-americana.

Expõe que o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, ou seja, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é uma comunidade de fala que se caracteriza por indivíduos que se relacionam, por meio de diversas redes comunicativas, e que utilizam um mesmo conjunto de regras.

Para a autora, em toda comunidade linguística é possível constatar a variação, ou seja, um emprego de diferentes modos de falar. Qualquer língua, falada por qualquer comunidade, sempre apresentará variação linguística e isso para a Sociolinguística é

visto como uma diversidade linguística e uma qualidade constitutiva do fenômeno linguístico.

Desse modo, Alkmim (2001) finaliza mostrando que a Sociolinguística é marcada por uma heterogeneidade original e pode ser vista como o ponto de partida de novas correntes e orientações de pesquisas, centradas no que se refere ao fenômeno linguístico relacionado ao contexto social e cultural.

2.2 Gênero e Tipo textual

Os gêneros textuais estão vinculados à vida cultural e social e estabilizam as atividades comunicativas do dia-a-dia. Numa primeira fase, povos de cultura essencialmente oral desenvolveram um conjunto limitado de gêneros. Multiplicaram-se após a invenção da escrita alfabética por volta do século VII a.C., surgindo assim gêneros típicos da escrita. A partir do século XV, diversificaram-se com o florescimento da cultura impressa para, na fase intermediária de industrialização iniciada no século XVIII, dar início a uma grande ampliação quantitativa e qualitativa (MARCUSCHI, 2005).

A grande expansão de novos gêneros está intimamente ligada às interferências de novas tecnologias nas atividades comunicativas e sociais de cada indivíduo que faz uso deles. Porém, não são absolutamente novos, ou seja, Marcuschi (2005, p.22) afirma que os autores Bakhtin (1997) e Bronckart (1999) já falavam em “transmutação” dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos. Também afirma que ambos defendem a ideia de que é impossível ter uma comunicação verbal se não for através de algum gênero textual. Os autores privilegiam a língua como um meio funcional e interativo e não seu aspecto formal e estrutural.

Marcuschi (2005, p.22) estabelece a diferença entre gênero e tipo textual e afirma que os autores que apresentam o mesmo pensamento são: Douglas Biber (1988), John Swales (1990), Jean-Michel Adam (1990) e Jean-Paul Bronckart (1999). Para eles a expressão *tipo textual* é usada:

[...] para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela *natureza lingüística* de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas

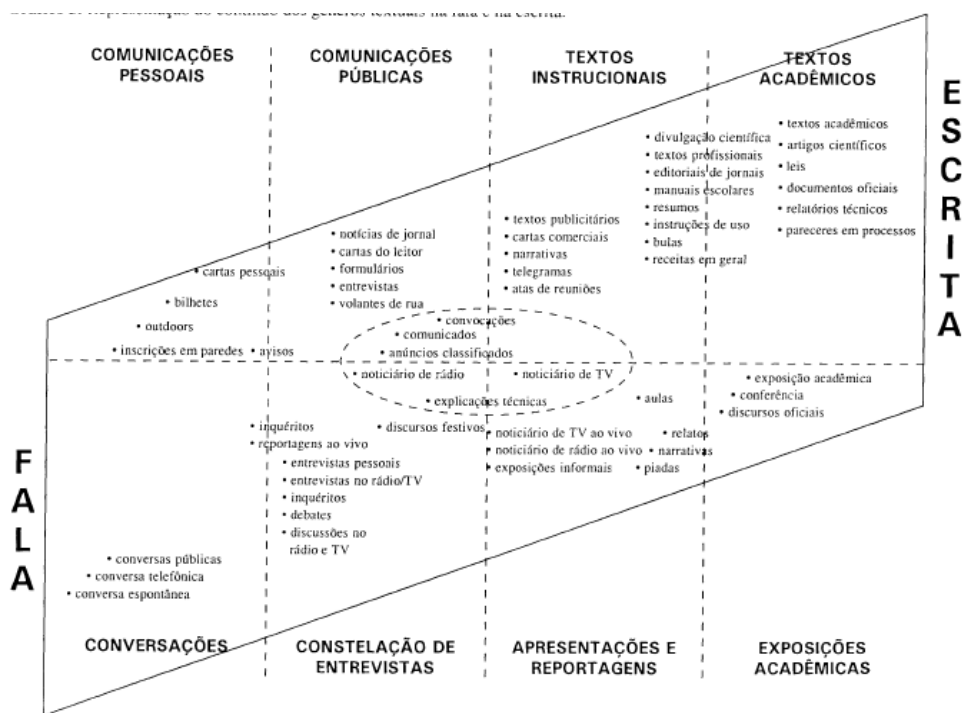
como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. (MARCUSCHI, 2005, p. 23, grifos do autor).

Já a expressão *gênero textual* é usada:

[...] como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sócio-comunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete* [...] (MARCUSCHI, 2005, p. 22-23, grifo do autor).

O autor expõe a maneira errônea do uso da expressão “tipo textual”; a forma como é usada nos livros didáticos e no dia-a-dia se refere a um gênero textual e não a um tipo, por exemplo, “a carta pessoal é um tipo de texto informal” (MARCUSCHI, 2005, p. 25).

Enfatiza a ideia de que em um gênero podemos encontrar diversos tipos textuais, que ele denomina de, “heterogeneidade tipológica do gênero”, pois para ele os gêneros distribuem-se pelas modalidades (oral e escrita) num contínuo, dos mais informais aos mais formais e em todos os contextos e situações da vida cotidiana. A figura abaixo fornece uma representação desse contínuo.



(In: Marcuschi, 2007, p.41)

Figura 1- Representação do contínuo dos gêneros textuais na fala e na escrita

Dessa forma, Marcuschi mostra a importância dos gêneros nas comunicações diárias dos falantes, pois para cada situação usa-se um gênero textual, que, por sua vez, contém um ou mais tipos textuais. Os gêneros textuais, portanto, “[...] fundam-se em critérios externos (sócio-comunicativos e discursivos), enquanto os tipos textuais fundam-se em critérios internos (lingüísticos e formais)” (MARCUSCHI, 2005, p. 34).

2.3 Tipologia textual

Travaglia (2003, 2007) discute parâmetros e critérios para caracterizar categorias de texto, sejam elas tipos, gêneros ou espécies, sendo a caracterização fundamental para identificar e distinguir as categorias a que os textos podem pertencer. Ele utilizou cinco parâmetros distintos para chegar a seus critérios; são eles: “o conteúdo temático; a estrutura composicional; os objetivos e funções sócio comunicativas; as características da superfície linguística, geralmente em correlação com outros parâmetros e as condições de produção [...]” (TRAVAGLIA, 2007, p.40).

O autor define categorias de texto como um conjunto de textos com características comuns, ou melhor, que possuem características comuns no que se refere aos cinco parâmetros supracitados. Alguns dos exemplos de categorias de texto utilizado em nossa sociedade e culturas brasileiras são: *descrição, dissertação, injunção e narração*; estes foram os quatro tipos textuais considerados na realização da análise dos textos do jornal *O Araraquarense*.

De acordo com o autor, as categorias de texto são de três naturezas distintas chamadas de “*tipelementos*”: o tipo que pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação; uma maneira de interlocução (TRAVAGLIA, 1991), segundo perspectivas que podem variar constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes (2001, 2007).

Travaglia também exemplifica de modo funcional as relações que ocorrem entre tipos, gêneros e espécies, isto é, as relações dos tipos textuais na composição dos gêneros e vice-versa, as quais são importantes para a caracterização das categorias de textos, para composição de gêneros por tipos e espécies e as várias espécies que se caracterizam pelo conteúdo temático. Para o autor a “espécie se caracteriza apenas por aspectos formais de estrutura (inclusive superestrutura) e da superfície linguística e/ou por aspectos de conteúdo” (2001, 2007)

Para Travaglia (1991, p. 49-50), os tipos textuais apresentam objetivos e funções sócio comunicativas. Ressalta que os tipos *descrição* e *dissertação* são discursos do saber/conhecer e que a *narração* e *injunção* são discursos do fazer/acontecer. “Esses objetivos ou funções sócio comunicativas são identificados por muitos como um ato ou macro-ato de fala” (FÁVERO; KOCH, 1987).

Os objetivos do enunciador ou funções sócio comunicativas dos tipos textuais segundo Travaglia (1991, p. 49-50) são:

a) Na **descrição** visa-se, ao caracterizar, dizer como é o objeto do dizer; b) Na **dissertação** busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e a síntese de representações; c) Na **injunção** objetiva-se dizer a ação requerida, desejada, é dizer o que e/ou como fazer e assim incitar o alocutário à realização da situação; d) Na **narração** o objetivo é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência (TRAVAGLIA, 1991, p. 49-50, grifo do autor).

Esses objetivos presentes nos quatros tipos textuais acima também foram utilizados como critérios de análise – juntamente com a definição exposta no item 3.1.2 *Construção do corpus* – dos textos selecionados no item 4. *Análise* da presente pesquisa.

Outro critério de análise utilizado foi a definição do autor para os objetivos do locutor/enunciador nos tipos de texto:

Na descrição, o alocutário se instaura como um “voyeur” do espetáculo; já na dissertação, ele deve ser um ser pensante, que raciocina; na injunção ele é constituído como aquele que realiza aquilo que se requer ou se determina que seja feito, aquilo que se deseja que seja feito ou aconteça; e na narração o alocutário é aquele que assiste, o espectador não-participante que apenas toma conhecimento ou se inteira dos episódios ocorridos (TRAVAGLIA, 1991, p. 50).

No que se refere ao estudo do funcionamento textual-discursivo do verbo no Português do Brasil, Travaglia (1991) constata que o uso dos tipos de verbos e situações por eles indicadas e das formas e categorias verbais é altamente regulado pelos quatro tipos textuais (descrição, dissertação, injunção e narração), havendo uma correlação definida entre propriedades e marcas linguísticas na formação de cada tipo de texto.

Desse modo, Travaglia (2007b, p.76) finaliza mostrando que não se deve caracterizar exclusivamente um gênero pelo fato de ser composto por um ou mais tipos, seja em cruzamento ou fusão. O fato de os tipos e espécies serem indispensáveis ou não na composição de um gênero, de o tipo ser ou não dominante em relação aos outros com que se mescla, é também critério de estrutura composicional para a caracterização do gênero.

2.4 O fenômeno de estudo: posição do sujeito em relação ao verbo

O fenômeno a ser estudado, supracitado, permite estabelecer o quadro atual de processos de variação e mudança que caracterizam a variedade brasileira da língua portuguesa - pelo menos desde o século XIX.

Para os propósitos desse estudo, utilizamos dois textos teóricos: *A ordem VS em português* de Eunice Pontes (1987) e *A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem*, de Rosane Berlinck (1989).

Pontes (1987) começa por mostrar sentenças com verbo transitivo e observa que a ordem normal, não marcada, dos elementos da oração é SVO (sujeito-verbo-objeto). Esta ordem, segundo a autora, tem um valor sintático, pois caso mude a sequência dos elementos, o significado também muda. Assim, a construção com sujeito posposto tenderia a ser evitada, pois se o sujeito estiver depois do verbo, pode surgir ambiguidade quanto à sua função na sentença. Apesar disso, ela assegura que esta posposição em orações transitivas é possível desde que o contexto assegure a interpretação correta.

O propósito da autora não é estudar os casos de inversão que parecem mais comuns na língua literária. Ela ressalta que o uso da língua é sempre um uso inteligente e não mecânico, de modo que, quando não há perigo de confusão é possível a inversão, mesmo no caso de orações transitivas.

Ela também observa que, se uma análise for feita somente em orações transitivas, a predominância da ordem será SVO. No entanto, se for feita com orações intransitivas a ocorrência de VS será mais significativa.

Mattoso Câmara Jr. observou que a inversão do sujeito se dá:

Quando não há um objeto direto para opor, pela colocação, ao sujeito ou quando mesmo com objeto direto, o mecanismo da concordância

pode entrar em ação. Daí, a frequente posposição do sujeito – a) com verbos intransitivos, b) com verbos transitivos desde que o sujeito e o objeto direto são de número nominal diferente [...] (CAMÃRA Jr. apud PONTES, 1987, p.107).

A pesquisa de Pontes tem por finalidade verificar a extensão do fenômeno da ordem VS em português, sua ocorrência em língua escrita e oral, sua frequência, e procurar uma explanação com a base na Análise do Discurso.

Nesse sentido, ela expõe a ideia de que nossos gramáticos herdaram dos gramáticos lógicos a concepção de que a ordem SVO reflete uma ordem “natural” do pensamento. Porém, como ela aponta, Greenberg (1978) mostrou que as línguas do mundo usam tanto a ordem SVO, como VSO, SOV e outras, o que indica que não existe essa ordem “natural” para as palavras na frase.

O gramático Celso Cunha (1976) considera que a ordem SVO é uma “ordem direta” predominante em nossa língua. Embora diga que “esta preferência *pela ordem direta* é mais sensível nas *orações enunciativas* ou *declarativas* (afirmativas ou negativas)”, explica também que as inversões em nossa língua ocorrem com mais facilidade do que nas demais, sendo elas muitas vezes uma exigência gramatical. Considera as inversões de natureza estilística uma maneira de realçar o sujeito. Para que isso ocorra, é preciso pospô-lo ao verbo; quanto ao predicativo é necessário o contrário, isto é, antepô-lo ao verbo. (CUNHA apud PONTES, 1987, p. 110, grifo do autor)

A autora observa que os exemplos de Cunha (1976) onde a finalidade da inversão é realçar o elemento destacado, são implausíveis, pois se realça na mesma frase o sujeito posposto e o predicado anteposto; assim não se sabe qual dos dois se quer realçar. Com isso, ela não vê como sustentar a ideia (vaga) de realce defendida pelo gramático.

Para estudar dados da língua escrita concorrente a época de seu estudo, Pontes (1987) fez um levantamento da ocorrência de sujeito posposto em *Galo das Trevas*, de Pedro Nava (1981), *Discurso de Primavera e algumas sombras*, de Carlos Drummond de Andrade (1978) e na revista *Isto É* (10-3-1982), a fim de verificar se no uso da língua escrita se confirmavam as regras encontradas nos gramáticos e estudiosos da ordem Epiphanyo Dias (1969) e Sousa da Silveira (1960).

Epiphanyo Dias (1969) propõe os seguintes itens para comprovar a sua regra, - de *a* à *g*: **a)** “Nas or. principaes que designam o discurso de outrem, quando se intercalam no discurso ou vão no fim d'elle vae o sujeito depois do verbo: “Não me

enfada nada – *redarguiu* este”; **b)** “Quando uma or. interrogativa direta começa pela expressão interlogativa e esta não encerra o sujeito, pospõe-se ao verbo”; **c)** “Quando o sujeito é um nome não precedido de artigo definido, pospõe-se não havendo emphase: 1) Aos verbos existir, apparecer, ocorrer e aos de significação semelhante: 2) Aos verbos de sentido passivo” (p.310); **d)** “ Quando os pron. isto, isso aquillo, o mesmo, este, esse, aquelle, o mesmo (com os seus substantivos) sendo complementos do predicado, se transportam emphaticamente para o princípio da or. (principal), o sujeito pospõe-se ao verbo: “Isto fazem os príncipes al heos de soberba” (p. 311); **e)** “Quando o n. predicativo se colloca emphaticamente antes do verbo, o sujeito vae usualmente depois do verbo: Impio íelle!"; **f)** "O sujeito de uma or. infinitiva não precedida de prepos. (exceto a prepos. a, em sentido temporal) pospõe-se normalmente ao infinitivo de verbos intransitivos ou passivos (nos tempos compostos pode ir depois do auxiliar)."; **g)** “Nos particípios absolutos, o sujeito colloca-se depois do particípio (em tempo composto, depois do auxiliar, ou depois de todo o particípio) (...): "Acabada a solennidade daquelle acto..." (p.312).

Pontes (1987), em diálogo direto com os itens propostos por Epiphanyo Dias, verificou a ocorrência da ordem VS com frases retiradas de sua amostra, como segue nos exemplos abaixo:

Quanto à regra *a)* – “E me *dói* a cabeça, diz alguém” (C. D. A., 8)

b) – “Quem *seria* a segunda esposa de Pedro I?” (I. É, 20)

c) 1ª parte – “*Falta* alguma coisa no Brasil...” (C. D. A., 39) 2ª parte – “*Inicia-se* também o processo de punição exemplar...” (I. É, 23)

Para a regra *d)* a autora não encontrou nenhum exemplo com pronome anteposto, embora tenha observado que a inversão do sujeito é muito frequente em orações topicalizadas encontradas nessa regra.

e) – “Envenenada *morre* a flor de outubro” (C. D. A., 9)

f) – “... deixa cair de seu manto estas sugestões que me aniquilam...” (P. N., 42)

g) – “... *computada* a inflação” (I. É, 22)

A autora destacou exemplos em que encontrou o verbo *ser* em início de sentença: “São doze standards, músicas muito conhecidas e...” (I. É, 8) “*Era* gente querendo saber...” (I. É, 23)

Com relação aos exemplos acima, ela afirma que:

Em todos esse casos, para se entender a que se referem as orações iniciadas pelo verbo *ser*, é necessário se reportar às sentenças ou parágrafos anteriores. E não há nenhum substantivo ou pronome explícito que se possa ser considerado como tendo sido elidido. É difícil, portanto, falar-se em elipse do sujeito, pelo menos do ponto de vista sintático. Esses são casos em que se vê a impossibilidade de separar a sintaxe do discurso. A interpretação das Ss é condicionada nitidamente pelo contexto pragmático (do discurso) não só semântica como sintaticamente (PONTES, 1987, p. 122, grifo da autora).

Ela ainda exemplifica a distinção que há entre o SN ser posposto ao verbo *haver* e *existir* e porque considera o SN do primeiro como objeto e do segundo como sujeito. Justifica mostrando que o SN de *existir* é sujeito e por isso ele pode ocorrer anteposto, como acontece com os SNs que acompanham outros verbos intransitivos (*cair*, *subir*, etc.). Já com o verbo *haver* isso não acontece. Outra justificativa é a concordância, pois o verbo *existir* vai para o plural se o SN também for, mas o verbo *haver* não. Os SNs que seguem ambos os verbos têm características semelhantes: não agentes, com tendência a serem indefinidos e inanimados.

Para analisar a fala coloquial, comparando-a com a língua escrita, a autora examinou dados colhidos por cinco alunos do mestrado em Linguística e também colheu dados avulsos (av.), quando ouvia uma frase com VS. As gravações são diálogos informais, feitos com pessoas de Belo Horizonte, e de nível universitário, com duração de 15 a 30 minutos.

Pontes observou a ocorrência da ordem VS nas orações: intercaladas – “*Diz* o médico que não tem nada a ver uma coisa com outra” (av.); interrogativas – “*Cumé* que *chama* isso, é um... microfone?” “*E qual é* a vantagem disso?” (av.); verbos existenciais – “*Tinha* umas três ou quatro escovas aí, só *sobrou* uma” (av.). Também encontrou casos de; verbo *existir* com SN anteposto – “*Alguma coisa me diz* que esses dólares *existem*” (TV Globo novela das 7).

Exemplo de sujeito posposto de oração *infinitiva* não foi encontrado nas gravações, mas sim de forma avulsa pela autora: “*O sal faz* parar o sangue” (av.). O exemplo de VS com oração *passiva* foi encontrado numa aula de concurso de Faculdade – “*Deve ser inserido*... uma frase”. Ainda verificou a ordem VS: nas orações subordinadas em geral – “*Agora dá*, porque não *vem* carro” “*Não pode subir* na árvore, que *cai* as flores” (av.); em orações principais, com verbos de movimento – “*Caiu* terra aqui” (av.); exclamativas – “*Ih*, vai *cair* uma chuva!” (av.); em resposta com verbo *ser* –

“Sabe o que era?” “*Era* um frango à espanhola”; oração subjetiva – “Porque *parece* que vi em quadros, em peças...”; optativa – “Tomara que faça bom tempo amanhã” (av.)

Os exemplos em que o sujeito vem antes do verbo são os mesmos que ocorrem com VS, mas são relevantes, pois mostram que a posposição não é obrigatória, por exemplo: “O preço da gasolina *baixou* nos Estados Unidos” (estava-se falando do carro a álcool no Brasil – Fantástico, 14-3-82 – TV Globo)

Desse modo, a autora constatou, a respeito da língua falada, que há uma incidência de certos verbos que ocorrem mais em posição inicial. Observa que nas orações afirmativas, negativas, exclamativas, etc.; os verbos que aparecem são os mesmos que Epiphânio Dias coloca em sua regra c): *existir, ocorrer, aparecer*, e seus sinônimos.

Constatou também que no português oral coloquial, os casos de VS mais frequentes são aqueles em que um verbo deste tipo aparece: *vir, entrar, chegar, passar, estar, existir, aparecer, sumir, sobrar, faltar e cair*, são verbos que ocorrem a todo momento, em todo tipo de frase. “Pode-se dizer que, do ponto de vista da frequência de ocorrência, os casos VS em português coloquial mais significativos se resumem àqueles em que um destes verbos ocorrem” (PONTES, 1987, p. 138).

No português, partindo das regras encontradas nas gramáticas, a ordem VS passa a impressão de ser mais significativa do que a ordem SVO, pois ocorrem nas mais variadas situações e nos mais diversos tipos de oração (PONTES, 1987, p. 138).

Por esses motivos citados acima, a autora verificou, em textos escritos, qual a frequência de ocorrência dessa ordem. Para isso examinou as 100 primeiras estruturas em que ocorria algum verbo na revista *Isto É* (10-3-82), a fim de verificar quantas vezes ocorria verbo seguido de sujeito. Observou, portanto, que dos 100 casos estudados 58 deles apresentavam sujeito expresso, sendo 51 com a ordem SV, o que equivale a 88%; restam 7 casos de ordem VS, o que equivale a 12%.

Para comparar a língua escrita com a oral, Pontes (1987) examinou as 100 primeiras frases em que ocorria algum verbo, num diálogo informal entre duas jovens, de Belo Horizonte, de nível universitário. Obteve como resultado 59 casos em 61, onde ocorria a ordem SV, ou seja, 97% das frases analisadas. Apenas em dois casos ocorreu a ordem VS, o que equivale a 3% do resultado. A maioria das frases de ordem SV ocorreu com pronome pessoal (47 casos, isto é, 80%), sendo as 12 restantes com sintagmas nominais.

Consideramos na apresentação dos resultados da pesquisa da autora apenas as estruturas que apresentavam sujeito expreso, sendo assim excluídas as orações com sujeito elíptico (anafórico) e orações sem sujeito.

Em Berlinck (1989), encontra-se o estudo do fenômeno da construção V SN diacronicamente; isto é, como esse fenômeno se manifesta nos séculos XVIII, XIX e XX. Diferentemente de Pontes (1987), a autora levou em consideração os tipos de verbos para analisar a ordem em sua pesquisa. Justamente os que levaremos em conta nas análises dos materiais coletados e selecionados do jornal *O Araraquarense*.

A autora inicia o texto apresentando dois fragmentos de autores e datas distintas para mostrar o tratamento que a ordem recebia. No primeiro fragmento, cujo autor é Soares Barbosa (1803), as ordens SV e VS são tratadas com igualdade, o que leva à possibilidade de serem comuns naquele momento. No segundo fragmento, de Eunice Pontes (1987), a ordem VS é vista como uma ordenação pouco frequente no português atual do Brasil; isso mostra que essa ordenação teve seu espaço de atuação limitado, a ponto de ficar restrita a alguns contextos bem marcados.

A pesquisa de Berlinck se insere na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança Linguística. Assim, a autora analisou 2.217 sentenças declarativas e obteve como resultado dessa perspectiva de mudança dos séculos XVIII (1750), XIX (1850) e XX (1987) as seguintes frequências de V SN, respectivamente: de 486 casos encontrou apenas 203, equivalente a 42% (séc. XVIII); 144 de 469 casos, equivalente a 31% (séc. XIX) e de 1262 apenas 263 casos, 21% (séc. XX). Nota-se que, por mais que os números de sentenças analisadas tenham aumentado conforme os séculos, a ocorrência de V SN foi diminuindo significativamente.

Pensando na transição, para entender como a mudança se dá, de acordo com os dados apresentados acima, Berlinck (1989) afirma que:

No caso específico do fenômeno em estudo, a linha central desse processo se caracteriza pela passagem de uma orientação funcional para uma formal. No momento 1 (século XVIII), é uma função discursiva do SN – seu *status* informacional – que possui o maior peso na determinação de seu posicionamento relativamente ao verbo. Quanto maior for o grau de “novidade” do referente do SN, maior será a probabilidade de que ele ocorra posposto ao verbo, e vice-versa. No intervalo de dois séculos, um fator de natureza formal – o tipo de verbo-predicado – gradualmente se fortalece e acaba por assumir, pelo que apontam os resultados do *corpus* sincrônico, o papel central na definição da ordem (BERLINCK, 1989, p. 98, grifo da autora).

Berlinck (1987) utilizou três tabelas para apresentar a frequência de V SN a partir do cruzamento de *status informacional* do SN com a *transitividade do verbo*. Na primeira tabela referente ao século XVIII, verificou: (i) que a posposição do sujeito não ocorreu com *verbo intransitivo não-existencial* se o *status informacional* do SN era dado na *sentença anterior*; (ii) que a posposição com o *verbo de ligação* só não ocorre quando o *status informacional* do SN é dado na *sentença imediatamente anterior*, e que o mesmo acontece com verbo *transitivo indireto*; (iii) que a posposição com *expressão fixa* foi encontrada apenas quando há um *status informacional novo*, assim como se deu com o *bi-transitivo*; (iv) e que, por fim, apenas com o *verbo transitivo direto* a posposição foi encontrada com SNs de todos os *status* informacionais observados.

Na segunda tabela, referente ao século XIX constatam-se algumas mudanças: a posposição que ocorria com o *verbo transitivo direto* em todos os *status* informacionais passou a não ocorrer quando a informação é dada em sentenças imediatamente anteriores e a posposição com o *verbo bi-transitivo*, que só ocorria quando a informação era nova, passa a ocorrer também quando ela é dada em sentenças não-imediatamente anterior.

Já na terceira tabela, referente ao corpus sincrônico, século XX, verifica-se que: a posposição com os verbos *intransitivo não-existencial*, *verbo de ligação* e *expressão fixa* passa a ocorrer associada a SNs com todos os *status* informacionais, enquanto a posposição com o *bi-transitivo* não ocorre em mais nenhum contexto.

No que se refere à influência do tipo de verbo, Berlinck (1989, p. 102) apresenta os seguintes resultados para os três séculos analisados:

corpus	XVIII		XIX		XX	
	%	N	%	N	%	N
intransitivo existencial	100%	14/14	97%	30/31	99%	322/326
intransitivo não-existencial	59%	40/68	47%	36/76	46%	127/272
verbo de ligação	47%	67/144	30%	40/133	23%	107/456
expressão fixa	47%	16/34	28%	9/32	13%	10/76
transitivo indireto	34%	27/79	36%	33/91	8%	8/91
transitivo direto	34%	40/118	21%	20/96	3%	11/343
bi-transitivo	30%	13/43	15%	6/41	0%	0/22

Figura 2- Frequência de V SN segundo a transitividade do verbo nos três corpora

Observa-se que há diferenças claras entre os vários tipos de verbo: o verbo *intransitivo existencial* manteve o mesmo comportamento ao longo dos três séculos; os

demais tipos de verbos apresentaram uma diminuição na frequência V SN, que é mais acentuada com os verbos transitivos (transitivo indireto, transitivo direto e bitransitivo).

A autora considerou que a diminuição da produtividade geral da ordem V SN e o aumento da ocorrência de SN V foram efeito de uma reanálise dos fatores explicativos do fenômeno, que se caracterizou pela passagem gradativa de uma orientação funcional para uma de natureza formal. Uma das motivações que propiciaram tal mudança foi o tipo de verbo predadores: quando apresentam mais de um argumento são sempre os mais avessos a V SN, porque, nesses casos, existe a possibilidade de que um SN posposto ao qual se deveria atribuir função-sujeito seja percebido como objeto. (BERLINCK, 1989, p. 104-105).

Observou também que os verbos transitivos apresentaram percentuais relativamente altos de V SN nos *corpora* dos séculos XVIII e XIX em oposição aos resultados “desfavoráveis” observados no *corpus* do século XX. Assim como Pontes (1987), Berlinck (1989) percebeu que esses contrastes mostram que os riscos de ambiguidade em construções transitivas com SN posposto cresceram muito no intervalo analisado, restringindo a ocorrência de V SN a poucos contextos.

Para Tarallo e Kato (1989), a situação do sistema pronominal acusativo da língua como um fator associado à probabilidade de ocorrência de V SN é ressaltada quando tratam das construções geradas por anteposição do verbo. Defendem a ideia de que: “[...] o processo de cliticização tem exatamente o efeito de redutor de argumentos uma vez que o elemento que se cliticiza passa a formar um vocábulo fonológico com o elemento ao qual se cliticiza” (TARALLO e KATO apud BERLINCK, 1989, p.108).

A respeito da possibilidade expressa acima, Berlinck (1989) considera que a alta frequência de clíticos em momentos anteriores da língua geraria construções transitivas fonologicamente mono-argumentais, ou melhor, portadoras do requisito básico para V SN.

A autora finaliza sua análise expondo o pensamento de que pela comparação feita entre os três séculos da língua, foi possível caracterizar o caminho percorrido pelo fenômeno. Com isso, verificou que em cada um dos *corpora* a “variação” apresenta uma estrutura própria e que a passagem de um a outro revela as mudanças na organização como causas das modificações percebidas na alternância V SN/ SN V.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta Seção, vamos tratar dos procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Primeiramente, apresentamos informações sobre a história do jornal *O Araraquarense*, fonte de dados da pesquisa.

3.1 Corpus

3.1.1 O Araraquarense

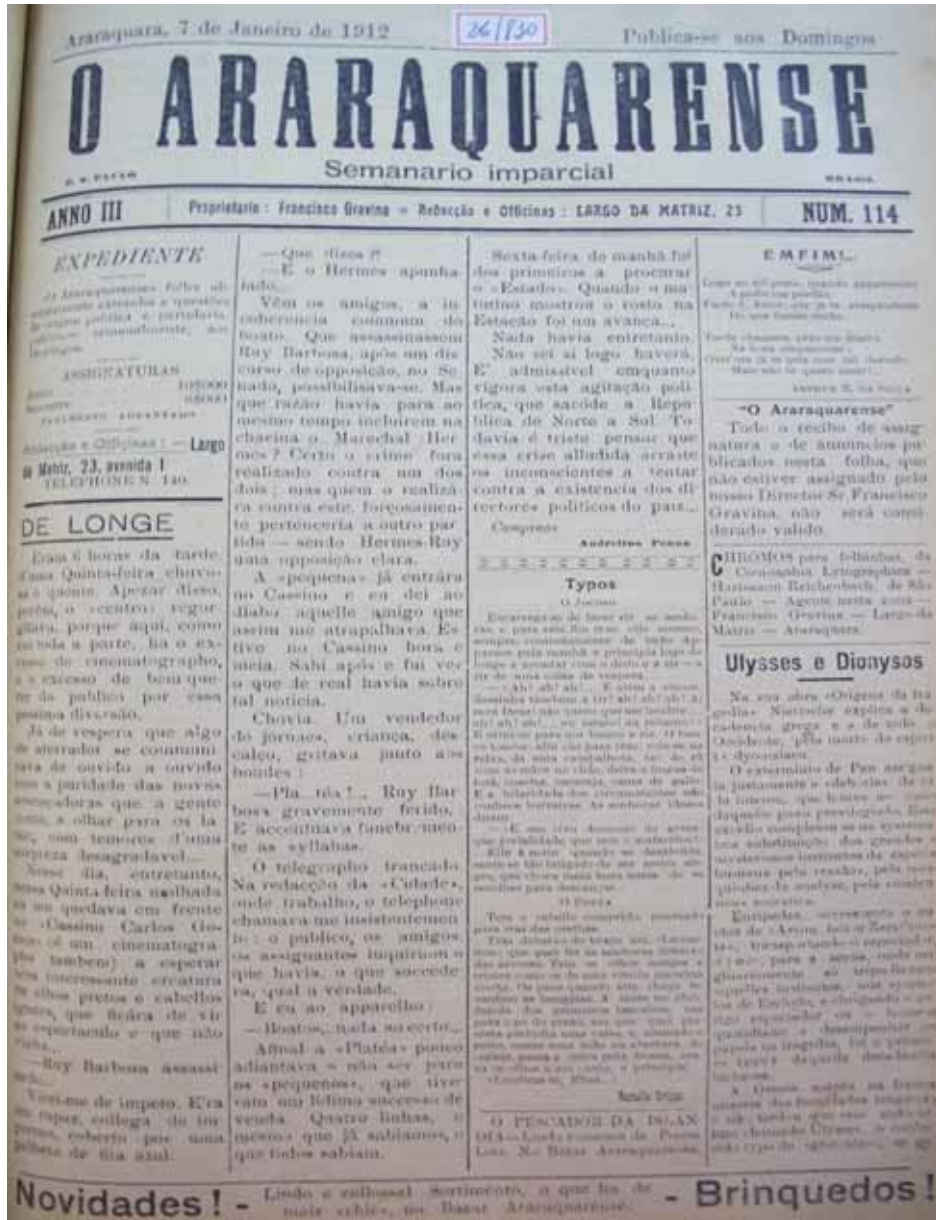


Figura 3- Primeira página do jornal *O Araraquarense*, número 114, 7 de janeiro de 1912

O Araraquarense

O Araraquarense foi um jornal que circulou, em sua primeira fase, entre os anos de 1911 e 1912 na cidade de Araraquara, estado de São Paulo, Brasil. Houve também a circulação desse periódico na década de 1920, contribuindo para se consolidar o jornalismo no início do século XX nesse município. Portanto, a história desse periódico é de suma importância para a cidade, uma vez que reflete os acontecimentos históricos da própria cidade e do período de latentes transformações pelo qual passava o país.

Inicialmente, sob o subtítulo de “Semanário Imparcial”, *O Araraquarense* surgiu no cenário jornalístico municipal em substituição ao *Jornal do Commercio*, que circulou na primeira década do século XX. Essa substituição fora necessária, uma vez que o *Jornal do Commercio*, além de suas pretensões como divulgador dos estabelecimentos comerciais de Araraquara, também se manifestava, indiretamente, com relação à política municipal vigente. Nesse sentido, ao encerrar as atividades desse periódico, a preocupação do proprietário Francisco Gravina era a de garantir a imparcialidade política e o bom relacionamento com os diferentes segmentos sociais da cidade. Assim, na edição inaugural de *O Araraquarense*, foi publicada a seguinte declaração em seu *expediente*¹: “O Araraquarense, folha absolutamente estranha a questões de origem política e partidária, publica-se semanalmente aos Domingos”.²

Muito embora na edição inicial de *O Araraquarense* tenha sido publicado no *editorial*³ uma referência à continuidade de propósitos do *Jornal do Commercio*, é muito clara a preocupação do novo jornal com ideias de modernização e progresso. Isso ocorre, sobretudo, pelo fato de que o dono desse jornal, Francisco Gravina, era um imigrante italiano que fixou residência, juntamente com sua família, na cidade de Araraquara, onde fundou diferentes estabelecimentos comerciais. Junto consigo, Gravina trouxe da Itália os ideais de industrialização que povoavam a Europa nos séculos XIX e XX. Um exemplo disso é a constante preocupação do jornalista com a melhoria da redação do jornal:

¹ A transcrição de trechos de *O Araraquarense* manteve a mesma ortografia empregadas pelos redatores na época.

² *O Araraquarense*. Ano III, número 109, 26 de novembro de 1911.

³ “Conforme dissemos no numero passado, começamos d’ora avante, a publicar a nossa folha subordinada ao novo título – O ARARAQUARENSE, cujo programma será o mesmo que traçámos, em poucas palavras, quando assumimos a direcção de “O Commercio”, ao mesmo tempo que nos constituímos seus proprietários” (*O Araraquarense*. Ano III, número 109, 26 de novembro de 1911).

A Typographia Gravina já recebeu uma das machinas de impressão que acaba de adquirir. Transportada pelo vapor 'Bahia', ha pouco chegado a Santos, acha-se na Alfandega daquelle porto a grande e moderna machina de cylindro sahida da importante fabrica J.G.Schelter&Giesecke, de Leipzig, na Allemanha.

Essa machina é destinada á impressão do "O Araraquarense", cujo formato, como já dissemos, vamos aumentar, e á impressão de trabalhos avulsos de grande formato.

Tambem já foi iniciada a installação electrica que há de mover os nossos prelos.⁴

Além disso, frequentemente eram veiculadas notícias que exaltavam o progresso municipal no que concerne a implementação de novas empresas na cidade e a expansão da estrada de ferro araraquarense. São exemplos:

O Sr. Presidente do Estado assignou o decreto autorisando a abertura ao trafego publico da estação de 'Cedral' no kilometro 210 da linha tronco as Estrada de Ferro Araraquara.⁵

Araraquara progride. Sabemos que no dia 15 do corrente em diante, passará a partir desta cidade o trem rapido, que com destino á São Paulo sahe de São Carlos ás 6,30 da manhã. Damos parabéns á Araraquara por contar com mais esse poderoso elemento de progresso.⁶

Outra preocupação dos redatores dessa folha era a de veicular notícias sobre o progresso arquitetônico da cidade e o aumento da frota de automóveis, como um indício da expansão do poder aquisitivo dos cidadãos araraquarenses e do *status* social em ascensão na cidade, conforme pode ser lido nos seguintes excertos:

Acham-se bastante adiantadas as obras dos ultimos edificios, em construcção, nesta cidade, os quaes depois de concluidos, revelando muito gosto artistico, conforme se verifica pelas respectivas plantas á que obedecem, serão belos ornamentos para a nossa cidade.⁷

Araraquara já possui mais um bello automovel. É o que vimos hontem, e que os Srs. Pedroso & Comp. Adquiriram para aluguel. Para isso aquelles senhores estão organizando uma modica tabella de preços.⁸

⁴ *O Araraquarense*. Ano III, número 131, 08 de maio de 1912.

⁵ *O Araraquarense*. Ano III, número 122, 03 de março de 1912.

⁶ *O Araraquarense*. Ano III, número 143, 01 de agosto de 1912.

⁷ *O Araraquarense*. Ano III, número 142, 25 de julho de 1912.

⁸ *O Araraquarense*. Ano III, número 120, 18 de fevereiro de 1912.

É válido destacar que, em função dos ideais de modernização da cidade de Araraquara defendidos pelos redatores do jornal *O Araraquarense*, eram frequentemente publicadas notícias sobre os avanços obtidos pela cidade na área educacional. Nesse sentido, ao relacionarem a educação como um fator providencial para o progresso do município, eram divulgadas reuniões escolares, notícias de professores e a preocupação em se estabelecerem novas instituições de ensino. Para ilustrar essa questão, segue uma notícia publicada na edição de número 142:

Instrução publica. Conforme determinação do snr. dr. director geral da instrucção publica, os professores dos Grupos Escolares deverão reunir-se bi-mensalmente, na ultima hora do tempo escolar, sob a presidencia do respectivo director, para o fim de unificar e impulsionar o ensino, sendo discutidas por essa ocasião sómente questões praticas, baseadas no livro “Palestras”, de Parker. ⁹

Uma vez que o proprietário de *O Araraquarense* era um imigrante de origem italiana, um dos temas de predileção veiculados no jornal era relacionado com esse país europeu. Nesse sentido, havia desde notícias sobre a Itália, até uma seção publicada em italiano. Além disso, com muita constância, apareciam informações sobre a situação dos imigrantes no Brasil, como mostram os exemplos abaixo:

Secção italiana. Um professor italiano que acaba de fixar residencia nesta cidade, e que modestamente occulta seu nome em um pseudonymo, tomou a incumbência de escrever para todos os numeros de ‘O Araraquarense’ uma secção italiana. Sob a epigraphe *I martiri* publicamos hoje o primeiro artigo.¹⁰

Entrada de imigrantes em 1911. Segundo estatistica organizada pelo Departamento Estadual do Trabalho, entraram no anno próximo findo de 1911, no Estado de São Paulo, 64.990 imigrantes. (...) Dos imigrantes entrados 18.830 eram italianos, 17.862 portuguezes e os demais de diversas nacionalidades. No anno corrente, pelo movimento de imigrantes já verificado, pode-se affirmar que aquelle numero total se elevará a mais de 1000.000 imigrantes.¹¹

Paz entre a Italia e a Turquia. Acredita-se que fracassem as negociações para a celebração da paz entre a Italia e a Turquia, pois

⁹ *O Araraquarense*. Ano III, número 142, 25 de julho de 1912.

¹⁰ *O Araraquarense*. Ano III, número 129, 21 de abril de 1912.

¹¹ *O Araraquarense*. Ano III, número 124, 17 de março de 1912.

que parece pouco provável que os belligerantes entrem a um accordo.
12



Figura 4- Fragmento da *Seção italiana*. *O Araraquarense*. Ano III, número 129. 21 de abril de 1912

Em função da frequência com que determinados assuntos apareciam em *O Araraquarense*, é possível estabelecer outras características do jornal. Nesse sentido, esse periódico pode ser associado com a religião católica, haja vista que eram comuns informações sobre o pároco local, datas e horários de missas e festividades relacionadas à igreja, como demonstra esse excerto:

Mez de Maria. Na Egreja Matriz, desta cidade, têm tido grande brilhantismo e concurrencia as solemnidades do Mez de Maria.¹³

Ainda com o propósito de se traçar o perfil do jornal, é preciso destacar o fato de que *O Araraquarense* não era um jornal preponderantemente noticioso, coincidindo com a característica das pequenas empresas jornalísticas do início do século XX. Dessa forma, em geral, as notícias eram curtas e ocupavam pouco espaço no jornal. Além disso, reafirmando o fato de que era uma preocupação de Gravina o não envolvimento com a política local, as notícias políticas municipais apresentavam um caráter de

¹² *O Araraquarense*. Ano III, número 146, 22 de agosto de 1912.

¹³ *O Araraquarense*. Ano III, número 124, 17 de março de 1912.

imparcialidade. Essa tendência se repete ao se considerar as notícias em âmbito federal. São exemplos:

Orçamento da Republica. O marechal Hermes da Fonseca, Presidente da Republica, sancionou a lei que fixa a despesa geral da Republica, para 1912, em 761.598:378\$000, ouro, e 418.871:145\$486, papel.¹⁴

Nova lei. Já está vigorando a lei n.º 199, que proíbe se queimarem rojões, bombas, etc., dentro do perimetro da cidade. Será multado em 50\$000 o infractor desta lei.¹⁵

O Araraquarense contava com a preocupação de ser um instrumento de divulgação dos acontecimentos sociais de Araraquara. Em função disso, em praticamente todas as edições do período analisado foi publicada uma seção dedicada à programação de eventos culturais, como teatros, cinema, circo etc. É também com essa frequência que se publicavam as *Notas* sociais, divulgando aniversários, casamentos, falecimentos e batizados dos membros da sociedade araraquarense. Além disso, em algumas edições apareciam comentários sobre as festividades que ocorriam na cidade. Para ilustrar essa característica de *O Araraquarense* ser um veiculador social, seguem esses exemplos:

Vida social

Em viagem. Em visita á sua Exma. familia, seguiu hontem para Jaboticabal, o jovem José Pereira da Cunha, deligente telegraphista da Companhia Paulista, nesta cidade.¹⁶

Carnaval. Nos dois primeiros dias de folguedos, o carnaval nesta cidade correu frio, sem animação. Nem uma mascara, mesmo desses sem graça, mal vestidos, mudos, não se viu transitando pelas ruas. (...) No jardim, os combates a lança-perfume a principio correram frios, e quando se iam revestindo do calor, do entusiasmo que era de esperar, começaram a cahir os primeiros pingos de chuva, tênues, finos, causticantes. E a chuva engrossou, tornou-se insupportavel, obrigando-os a por termo aos brinquedos, que iam animadissimos.¹⁷

¹⁴ *O Araraquarense*. Ano III, número 114, 07 de janeiro de 1912.

¹⁵ *O Araraquarense*. Ano III, número 132, 17 de março de 1912.

¹⁶ *O Araraquarense*. Ano III, número 116, 21 de janeiro de 1912.

¹⁷ *O Araraquarense*. Ano III, número 121, 25 de fevereiro de 1912.

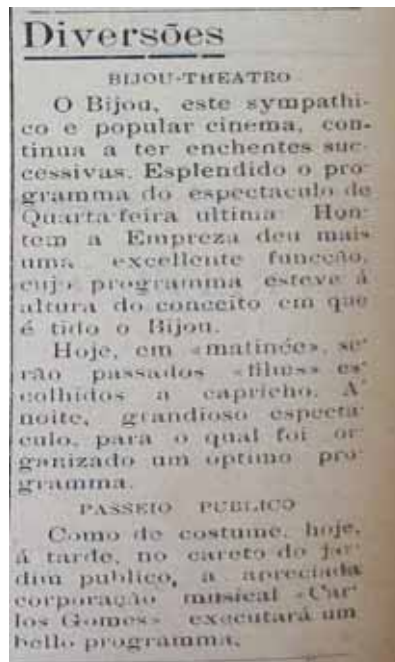


Figura 5- Exemplo da coluna *Diversões*. *O Araraquarense*. Ano III, número 122. 03 de março de 1912

Havia significativo espaço em *O Araraquarense* às seções de cunho poético-literário. Nessas seções, jovens da cidade publicavam suas obras artísticas com assiduidade. A maior parte desses textos eram produzidos em um estilo extremamente erudito, seguindo uma tendência composicional do período em questão, como revela o exemplo:

Sonhando.... Esplendidissima noite de luar encantador! Céu límpido e azulino esmaltado de estrellas tremeluzentes! Ar puro suavemente perfumado pelo aroma inebriante que se desprende de flores agrestes, osculadas pela brisa que passa levemente sussurrante (...).¹⁸

Ao se considerar que Francisco Gravina, proprietário do jornal *O Araraquarense*, era um notável comerciante na cidade de Araraquara (em seus negócios, possuía a Tipografia Gravina, o Bazar Araraquarense, entre outros), é compreensível o fato de que em seu jornal havia um espaço substancial reservado a anúncios e propagandas de comércios locais, a saber, as duas últimas páginas de todas as edições. No entanto, contavam com um destaque especial as propagandas comerciais da própria família Gravina, uma vez que a última página das edições de número 109 a

¹⁸ *O Araraquarense*. Ano III, número 125, 24 de março de 1912.

147 foram integralmente dedicadas à Tipografia e ao Bazar, conforme revela essa imagem:

ARARAQUARENSE ARARAQUARA 3 DE MARÇO DE 1912 N.º 122

Typographia Gravina

Nestas bem montadas officinas executam-se com brevidade e perfeição todos os trabalhos concernentes á arte como sejam:
Blocks Impressos, Enveloppes, Facturas, Talões de Recibos, Cartões de Visita, Commerciaes, Avulsos, Livros, etc.

NITIDEZ, BREVIDADE E PREÇOS MODICOS

FRANCISCO GRAVINA

Largo da Matriz — ARARAQUARA — Telephone N. 110

Bazar Araraquarense

Livraria, Papelaria, Quadros, Brinquedos, Objectos para Escriptores

Secção Livraria
Grande collecção de romances de varios autores, Dicionarios, Livros escolares, Livros religio-
sos, Folhetos etc.

Secção Papelaria
Colossal sortimento de papel, de luto, para officio Cartorio, para cartas em block, Grande variedade de papel em caixa, sortimento chico.
Livros em branco para todas especies, tintas de todas as qualidades e cores.

Colossal Sortimento de Cartões postaes illustrados. Últimas novidades. *Visitas da cidade em cartões postaes*
Papel phantasia para vidraças, armarios e vasis.
ALBUNS PARA RETRATOS E CARTÕES PÓS

TAES Enveloppes de todos os tamanhos, Grande sortimento em material usado.

Secção objectos para Escriptorio
Linha collecção de tinteiros para uma ou duas linhas, canetas tintorio e outras, estojos para caneta, para lapis e para cabetas.
Extrema variedade de esquadreiras, reguas, prumos, lazes, borrachas, gomma, arandela perfurada, pinças para papeis, compassos, etc.

Secção Quadros
Apresenta-se qualquer serviço concernente a este ramo. Deposito de grande collecção de quadros, Vidros para Vidraças e papel phantasia para vidraças, espelhos, tapetes, pozas, retratos, quadros religiosos e outros.

Grande collecção de brinquedos para crinças e presepios

Visitem a exposição no Bazar Araraquarense

TELEPHONE N. 110 — LARGO DA MATRIZ N. 23

ARARAQUARA

Figura 6- Página quatro de *O Araraquarense*. Ano III, número 122. 03 de março de 1912

De modo geral, *O Araraquarense* demonstra a tendência política e econômica pela qual passava o município de Araraquara e, em uma avaliação mais ampla, todo o país. Esse periódico seguia os padrões jornalísticos do início do século XX para as redações de pequeno porte, em que se dedicava mais espaço a questões de ordem literária, comerciais e de entretenimento do que à notícias e reportagens de acontecimentos locais, nacionais e mundiais.

A história da imigração italiana na cidade de Araraquara é indiretamente contada por meio dessa folha, representando um importante acervo de informações para esse período histórico brasileiro. Juntamente com os imigrantes provenientes de diferentes partes da Europa, veio também para o Brasil, os ideais de progresso e

modernização das cidades. Esse fato é enfaticamente demonstrado por Francisco Gravina nos textos publicados em seu jornal, fornecendo, portanto, importantes contribuições para se traçar a história de desenvolvimento da cidade de Araraquara.

3.1.2 Etapas do trabalho

O acesso ao periódico foi possível em função das boas condições de conservação do Arquivo Público Rodolpho Telarolli, na cidade de Araraquara.

Primeiramente foram feitas frequentes visitas ao Arquivo para fotografar o jornal. Apesar das boas condições de conservação do material, o arquivo não apresentava estrutura apropriada para pesquisa; ou seja, havia apenas uma mesa para apoiar o material, o que dificultou seu manuseio. Isso fez com que os primeiros dias servissem apenas para adequar a iluminação e o posicionamento dos jornais para fotografá-los posteriormente.

Devido às dificuldades supracitadas que o ambiente apresentou, foram feitas fotografias duplas de cada folha do jornal, das edições de número 109 a 147 de 26 de novembro de 1911 a 29 de agosto de 1912. O jornal era publicado semanalmente aos domingos, contendo quatro páginas cada exemplar.

Depois de tiradas as fotografias, houve uma seleção das melhores fotos. O critério usado foi a qualidade da resolução, sendo fotografadas novamente quando necessário. Cada imagem foi recortada e montada para facilitar a análise posterior.

Após reorganizá-las de acordo com a data de cada jornal, a próxima etapa consistiu na identificação do gênero *editorial*, “[...] composto ao mesmo tempo necessária e predominantemente pelos tipos dissertativo e argumentativo [...]” (TRAVAGLIA, 2007b). Na ausência desse, selecionamos textos assinados, dentre os quais havia literários e de opinião/ argumentativos. Os primeiros foram arquivados e utilizamos para esta análise apenas textos assinados de opinião.

Posteriormente à seleção de artigos de opinião, buscamos *notícias* e *notas sociais* para analisar e comparar com o gênero já selecionado. O primeiro caracterizado como “[...] o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante” (LAGE, 2006, p. 17), não foi encontrado em *O Araraquarense*, fazendo com que utilizássemos as *notas sociais*, que, segundo o Dicionário de Comunicação de Rabaça e Barbosa (2001, p. 512), se

caracteriza como “pequena notícia destinada à informação rápida. Caracterizada por extrema brevidade e concisão”.

Para analisar e marcar cada tipo textual do material selecionado, usamos uma distribuição de cores, como vem descrito na tabela¹⁹ abaixo:

	Texto Injuntivo
	Texto Dissertativo
	Texto Descritivo
	Texto Narrativo

Figura 7- Cores usadas para representar cada *tipo textual* durante as análises

Os tipos textuais considerados na análise foram definidos por Luiz Carlos Travaglia (2007, p. 43) da seguinte maneira:

- **Narrativo:** tem como conteúdo temático os acontecimentos ou fatos organizados em episódios (indicação e detalhamento – geralmente por meio de descrição – de lugar, tempo, participantes/actantes/personagens + acontecimentos: ações, fatos ou fenômenos que ocorrem). No caso da *espécie* história da narração, os episódios aparecem encadeados entre si caminhando para um desfecho ou resolução e um resultado;
- **Descritivo:** vai se caracterizar por trazer a localização do objeto de descrição (não obrigatoriamente), características (cores, formas, dimensões, texturas, modos de ser, etc.) e/ou componentes ou partes do “objeto” descrito;
- **Dissertativo:** o que importa como informação são as entidades, as proposições sobre elas e as relações entre estas proposições, sobretudo as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contrajunção), as de adição (ou conjunção), de disjunção, de

¹⁹ A tabela e a definição das cores para cada tipo textual foi criada pela discente Darlene da Silva Gomes de Brito.

especificação, inclusive exemplificação, de ampliação, de comprovação, etc.;

- **Injuntivo:** o conteúdo é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito, uma ou várias ações ou fatos e fenômenos, cuja realização é pretendida por alguém.

Após a identificação dos textos-fonte e dos tipos textuais neles presentes, foi realizada a coleta de dados para a análise da posição do sujeito. Todas as sentenças com sujeito explícito foram levadas em conta. Desse levantamento, foram obtidos 151 dados em *artigos de opinião* e 187 em *notas sociais*.

3.2 A posição do sujeito: grupo de fatores analisados

Para a análise dos 338 dados, além da variável dependente, composta pelas variantes (anteposto e posposto), criaram-se os seguintes grupos de fatores, como hipóteses para a explicação da posição do sujeito: *tipo morfológico do sujeito* (sintagma nominal [**n**], pronome pessoal [**p**], pronome demonstrativo [**d**], pronome indefinido [**i**] e nome próprio [**r**]), *tipo de verbo* (verbo intransitivo [**I**], verbo inacusativo [**C**], verbo de ligação [**L**], transitivo direto [**D**], transitivo indireto [**N**] e bitransitivo [**B**]), *a construção* (SV(X), VS(X), XSV(X), SXV, VXS) e o *tipo textual* (injuntivo [**j**], dissertativo [**t**], descritivo [**c**] e narrativo [**n**]).

Com eles pôde-se verificar em a quais condições o sujeito da frase estava submetido e se sofria variação de acordo com o uso de cada uma dessas características. Os exemplos abaixo ilustram os fatores considerados:

As variantes da análise:

Anteposição

A Helenazinha era um perigo (02/06/1912- *De longe*- Artigo de opinião)

O espectáculo será brilhantemente terminado (10/12/1911- *Diversões*- Nota social)

Posposição

São uma farça os taes episodios (03/03/1912- *De longe*- Artigo de opinião)

Compareceu grande numero de pessoas (10/12/1911- *Necrologia*- Nota social)

Tipo morfológico do sujeito:

- n-** O fogo foi imediatamente extinguido (31/03/1912- *Diversões*- Nota social)
- p-** Porque elle traz comsigo muitas responsabilidades (01/08/1912- *A inveja*- Artigo de opinião)
- d-** [...] nada ainda este decidiu (09/06/1912 -*De longe*- Artigo de opinião)
- i-** E cada um póde apparecer a seu modo (01/08/1912- *A inveja*- Artigo de opinião)
- r-** Festeja hoje mais um anno de laboriosa existencia o Sr. José Coelho de Oliveira (28/01/1912- *Vida social*- Nota social)

Tipo de verbo:

- I-** A Republica viveu dias de impecavel placidez (07/04/1912- *De longe*- Artigo de opinião)
- C-** Falleceu nesta cidade no dia 3 do corrente, a Exma. Sra. D. Deolinda Bertani (10/12/1911- *Necrologia*- Nota social)
- L-** A obra do jornalista, entretanto, é ligeira (03/12/1911- *Quaes são as melhores horas de trabalho?*- Artigo de opinião)
- D-** Os imapagaveis músicos excentricos Jocklais fizeram sua estréa (18/02/1912- *Diversões*- Nota social)
- N-** A companhia derrotada appellou para o Tribunal em S. Paulo (09/06/1912- *De longe*- Artigo de opinião)
- B-** Hontem a companhia deu mais um espetaculo (03/12/1911- *Diversões*- Nota social)

Construção:

- SV(X)** - Elle estava em Santos (21/04/1912- *De longe*- Artigo de opinião)
- VS(X)** - Serão exhibidos hoje films de grande metragem e de assumptos varios e interessantes (01/08/1912- *Diversões*- Nota social)
- XSV(X)** - Quando o matutino mostrou o rosto na Estação foi um avança (07/01/1912- *De longe*- Artigo de opinião)

SXV - O Bijou, como sempre, continua a ter enchentes sucessivas (18-02-12- *Diversões*- Nota social)

VXS - Começou a agir a reflexão (07/01/1912- *Ulysses e Dionysos*- Artigo de opinião)

Tipo textual:

t- A Grecia entrou na franca miseria das faculdades trágicas (07/01/1912- *Ulysses e Dionysos*- Artigo de opinião)

n- D. Manuel suspirava pelo seu perdido throno (07/04/912-*De longe*- Artigo de opinião)

n- Fixou residencia nesta cidade o Sr. José Godoy Netto (31/12/1911- *Vida social*- Nota social)

4 ANÁLISE

4.1 A identificação do tipo textual

A análise do material foi feita com base nos tipos textuais descritos em 3.1.2, cada parte do texto foi marcada com a cor referente ao tipo presente, ou seja, amarelo (*injuntivo*), azul (*dissertativo*), verde (*descritivo*) e por fim vermelho (*narrativo*); os mais recorrentes foram o *dissertativo* e *narrativo* nos *artigos de opinião* e somente *narrativo* nas *notas sociais*.

A imagem abaixo (cf. Figura 08) ilustra um exemplo de texto *dissertativo*, como mostra o trecho no sétimo parágrafo em que diz: “A companhia <Tracção> ofereceu propostas á municipalidade. Esta reconheceu, como até um cégo reconheceria, que bondes a electricidade não soffrem parallelo com bondes a burro”.

É válido recordar que, segundo Travaglia, “na dissertação busca-se o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações” (TRAVAGLIA, 1991, p.49-50).

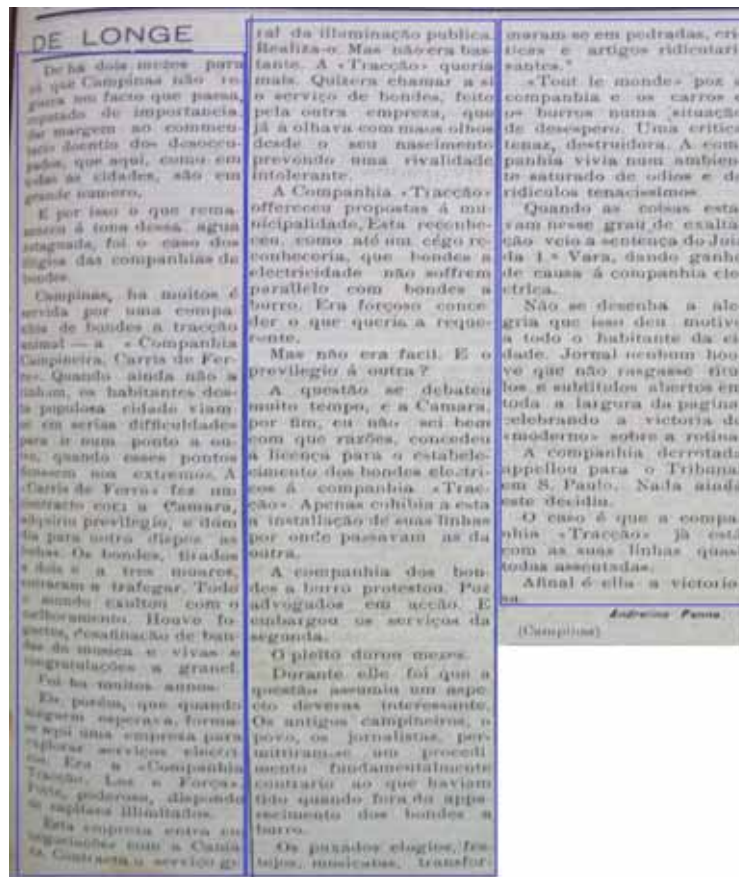


Figura 8- Exemplo de texto com tipo textual *argumentativo*. *O Araraquarense*. Ano III, número 136. 09 de junho de 1912

A figura 9 nos traz um exemplo de texto *injuntivo* no qual, segundo Travaglia “objetiva-se dizer a ação requerida, desejada, é dizer o que e/ou como fazer e assim incitar o alocutário à realização da situação” (TRAVAGLIA, 1991, p.49-50). O terceiro parágrafo do excerto em destaque é um bom exemplo de injunção: “Depois que elle quebra o jejùm, devemos alimentar-o duas a tres vezes por dia”.



Figura 9- Exemplo de texto com tipo textual *injuntivo*. *O Araraquarense*. Ano III, número 111. 10 de dezembro de 1911

Na próxima imagem, observa-se o uso de dois tipos textuais, o *dissertativo* e o *injuntivo*. O primeiro tipo pode ser visto no trecho do último parágrafo: “Em todas as posições ha prejuízos e vantagens, que sí não são perfeitamente eguaes, mais ou menos se compensam”. Já o segundo tipo textual pode ser observado no trecho que segue no primeiro parágrafo: “Não sejas invejoso. No mundo ha logar para todos e cada um póde apparecer a seu modo”.



Figura 10- Exemplo de texto com tipo textual *injuntivo* e *argumentativo*. *O Araraquarense*. Ano III, número 143. 10 de agosto de 1912

Os tipos textuais mais recorrentes nos *artigos de opinião* foram: *dissertativo* e *narrativo*, embora o segundo sirva, muitas vezes, como um reforço para o argumento do primeiro. Como na figura 10 abaixo:



Figura 11- Exemplo de texto com tipo textual *narrativo* e *argumentativo*. *O Araraquarense*. Ano III, número 114. 07 de janeiro de 1912

Para Travaglia “na narração o objetivo é contar, dizer os fatos, os acontecimentos, entendidos estes como os episódios, a ação em sua ocorrência” (TRAVAGLIA, 1991, p.49-50). Um trecho que deixa explícita a definição do autor pode ser encontrado no sétimo parágrafo da imagem acima: “A «pequena» já entrara no Cassino e eu dei ao diabo aquelle amigo que assim me atrapalhava. Estive no Cassino hora e meia. Sahi após e fui ver o que de real havia sobre tal noticia”.

É possível encontrar um texto que contenha apenas o tipo textual *narrativo* em *artigo de opinião* e predominante nos textos das *notas sociais*, tipo ilustrado nas imagens que seguem:



Figura 12- Exemplo de tipo textual *narrativo* no *artigo de opinião*. *O Araraquarense*. Ano III, número 137. 20 de janeiro de 1912

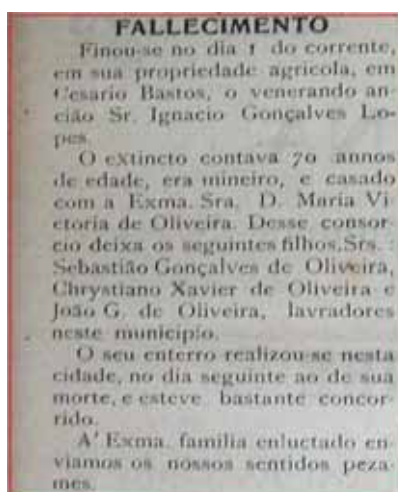


Figura 13- Exemplo de texto com tipo textual *narrativo* em *nota social*. *O Araraquarense*. Ano III, número 123. 10 de março de 1912

Um exemplo comum encontrado na análise, o qual já foi supracitado, é o uso da narração para reforçar o argumento da dissertação. Como mostra a imagem 13 a seguir:

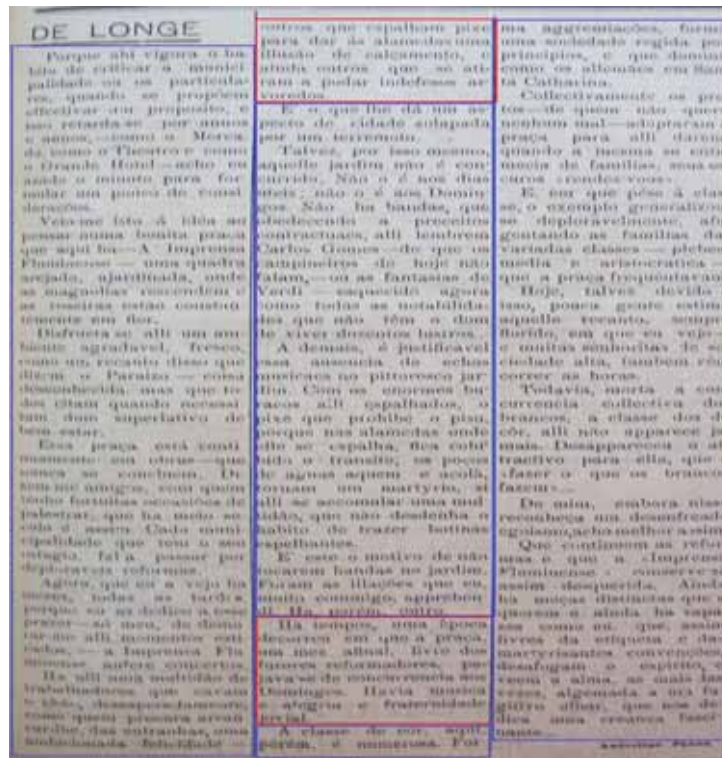


Figura 14- Exemplo de texto com tipo textual *argumentativo*, mas com *narrativo* para reforçar o argumento. *O Araraquarense*. Ano III, número 125. 24 de março de 1912

O autor do texto utiliza a narração para dar credibilidade à sua argumentação, como no trecho do décimo primeiro parágrafo: “Ha tempos, uma época decorreu em que a praça, um mez afinal, livre dos furores reformadores, pejava se de concurrencia aos Domingos. Havia musica e alegria e fraternidade jovial”.

Não foi possível observar o uso do tipo textual *descritivo* separadamente, ou seja, quando encontrado, estava apenas descrevendo algo que foi dito na narração. Assim como mostra o trecho destacado em verde no segundo parágrafo da figura 14, o qual descreve a personagem da narrativa feita pelo autor. “E’ um bonito velho. Cabellos finos, longa e bella barba. Um ar sereno, meigo e grave”.

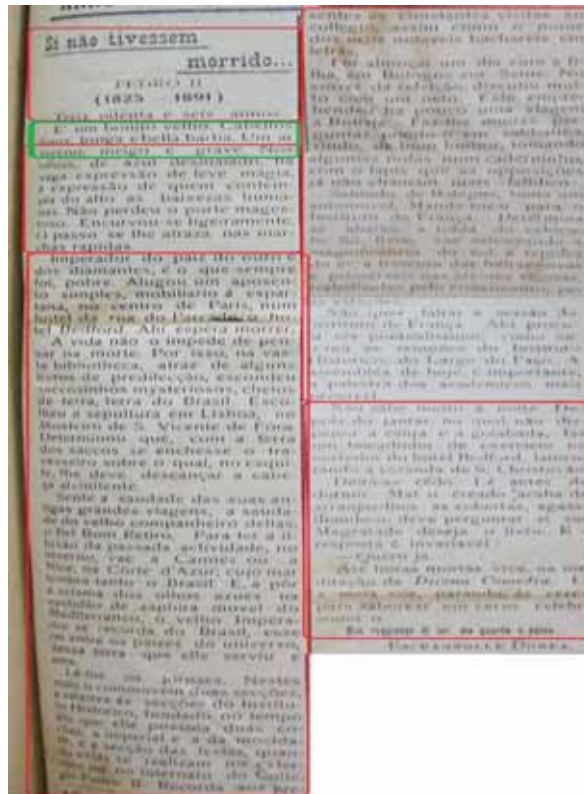


Figura 15- Exemplo de texto com tipo textual *narrativo* e *descritivo*. O Araraquarense. Ano III, número 147. 29 de agosto de 1912

Em toda a análise foi possível observar a mescla dos tipos textuais em muitos dos textos utilizados, o que nos confirmou que “diversos gêneros contêm tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)” (MARCUSCHI, 2005, p. 25).

4.2 A análise da posição do sujeito

Assim como explicitado anteriormente, este trabalho tem como principal objetivo verificar o fenômeno da ordem do sujeito segundo seu tipo morfológico, o tipo de verbo, a construção e o tipo textual, dentro dos gêneros *artigo de opinião* e *nota social*, analisando, assim, a influência de cada fator supracitado na variação da posição do sujeito.

Obtiveram-se como resultado geral de anteposição e posposição, nos gêneros analisados, os seguintes índices de uso:

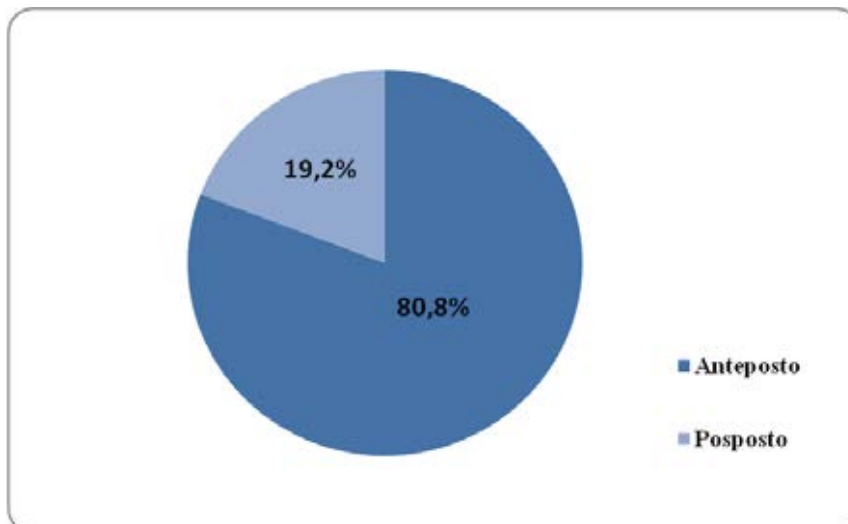


Gráfico 1- Resultado geral da posição do sujeito no *artigo de opinião*

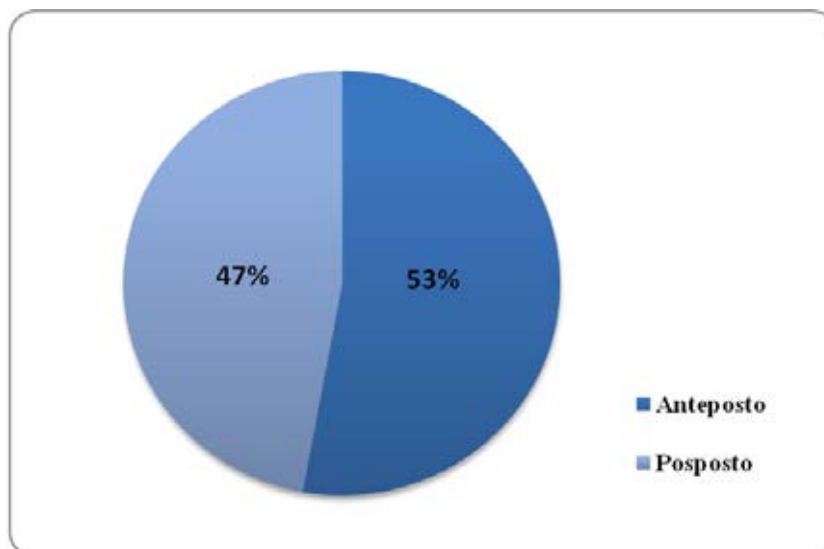


Gráfico 2- Resultado geral da posição do sujeito nas *notas sociais*

Os resultados acima mostram que, por mais que a ordem SVO seja considerada pelos gramáticos uma ordem universal e direta e por sofrer um enrijecimento no decorrer do tempo, ainda há uma certa resistência das construções em que o sujeito aparece posposto. Se observarmos os gráfico acima, no gênero *artigo de opinião* temos 19,2% das frases com o sujeito posposto e 47% nas *notas sociais*. Vamos mostrar nas análises que seguem, quais os fatores que condicionaram as possíveis posposições acima.

A tabela a seguir mostra o resultado geral, dos padrões de construção da sentença e o total com porcentagens das posposições presentes nos dois gêneros:

Construção	Artigo de opinião	Notas sociais
SV(X)	(85/151)	(48/187)
VS(X)	(22/151)	(18/187)
XSV(X)	(23/151)	(12/187)
SXV	(14/151)	(39/187)
VXS	(7/151)	(70/187)
TOTAL	19,2% (29)	47% (88)

Tabela 1- Padrões de construção nos dados dos *artigos de opinião* e *notas sociais d'O Araraquarense*

Como ilustrado nos gráficos acima, o gênero, *nota social*, apresentou maior porcentagem de posposição com relação ao *artigo de opinião*. Dessa forma, nas notas a construção VXS foi responsável por 70 das 187 sentenças analisadas (37,4%) e VS(X) por 18 (9,6%). As mesmas construções apresentaram, respectivamente, no *artigo de opinião* 7 (4,6%) e 22 (14,5%) casos de 151. Na tabela a seguir vamos exemplificar com quais verbos e qual das construções acima ofereceu mais casos de posposição de acordo com cada gênero:

Tipo de verbo	Artigo de opinião		Nota social	
	VS(X)	VXS	VS(X)	VXS
Inacusativo	(3/22)	-	(2/18)	(20/70)
Bitransitivo	(4/22)	(1/7)	(4/18)	(5/70)
Transitivo direto	(9/22)	(1/7)	(6/18)	(28/70)
Intransitivo	(1/22)	-	(1/18)	(9/70)
Ligação	(3/22)	(4/7)	(5/18)	(6/70)
Transitivo indireto	(2/22)	(1/7)	-	(2/70)

Tabela 2- Posposição: tipo de verbo e construção

No gênero *artigo de opinião* a posposição foi mais favorável com a construção VS(X), já que, mesmo com poucos casos, ocorreu com todos os verbos, com destaque

para o *transitivo direto* que teve 9 de 22 casos, diferentemente da construção VXS que não apareceu com verbos *inacusativo* e *intransitivo*. Já nas *notas sociais* a tabela mostra o contrário, tendo a construção VXS a mais favorável à posposição. Sendo destaque os verbos: *transitivo direto* e *inacusativo*, os quais apresentaram, respectivamente, 28 e 20 casos de 70. O verbo transitivo indireto foi o único que não apareceu na construção VS(X) das *notas sociais*.

Na tabela 3 abaixo é possível verificar a posposição de acordo com o tipo morfológico do sujeito:

Tipo morfológico do sujeito	Artigo de opinião	Notas sociais
Pronome indefinido	50% (2/4)	—
Pronome pessoal	28,2% (11/39)	—
Sintagma Nominal	16,5% (13/79)	41,4% (60/145)
Pronome demonstrativo	12,5% (1/8)	—
Nome próprio	9,5% (2/21)	68,3% (28/41)

Tabela 3- Posposição: tipo morfológico do sujeito

Observa-se, na tabela acima, a ocorrência da posposição com todos os sujeitos, com o gênero *artigo de opinião*, sendo o *sintagma nominal* a maior ocorrência e o mais próximo do resultado geral, com 13 de 79 casos (16,5%) e 11 de 39 casos (28,2%) com *pronome pessoal*. Já o gênero *nota social* apresentou posposição somente com os sujeitos *sintagma nominal* e *nome próprio*, com respectivamente, 60 de 145 casos (41,4%) e 28 de 41 casos (68,3%); este último com mais da metade dos casos com sujeito posposto ao verbo.

A tabela 4 revela a ocorrência de posposição com diferentes tipos de verbo:

Tipo de verbo	Artigo de opinião	Notas sociais
Inacusativo	23,1% (3/13)	71% (22/31)
Bitransitivo	25% (5/20)	45% (9/20)
Transitivo direto	21,7% (10/46)	44,7% (34/76)
Intransitivo	14,3% (1/7)	37% (10/27)
Ligação	20,6% (7/34)	37,9% (11/29)
Transitivo indireto	9,7% (3/31)	50% (2/4)

Tabela 4- Posposição: tipo de verbo

O tipo de verbo que apresentou maior porcentagem de sujeito posposto foi o *inacusativo*, em ambos os gêneros, *artigo de opinião* 3 de 13 casos (23,1%) e *nota social* com 22 de 31 casos (71%) o mais próximo do resultado geral. Outros verbos que chamaram a atenção, neste último gênero, foram os verbos: *transitivo direto* com 34 de 76 casos (44,7%), *bitransitivo* 9 de 20 casos (45%), *intransitivo* 10 de 27 casos (37%) e *verbo de ligação* com 11 de 29 casos (37,9%). Percebe-se uma tendência maior a posposição, com relação ao verbo, no gênero *nota social*.

Os tipos textuais encontrados nos gêneros estudados foram: *injuntivo*, *dissertativo* e *narrativo* para os *artigos de opinião* e somente o último para as *notas sociais*. Esse critério de análise é ilustrado na tabela 4, na qual é possível constatar o resultado geral da posposição do sujeito segundo o tipo textual:

Tipo textual	Artigo de opinião	Notas sociais
Injuntivo	27,8% (5/18)	—
Narrativo	17,4% (12/69)	47,6% (88/185)
Dissertativo	18,8% (12/64)	—

Tabela 5- Posposição: tipo textual

O tipo textual *narrativo* foi o único encontrado nas *notas sociais* com 88 de 185 casos (47,6%) apresentando sujeito posposto. Andrade e Medeiros (2001, p. 110) destacam que o gênero *nota* é como uma “pequena notícia que se destina à informação rápida”; dessa forma a principal característica do gênero é a narração dos acontecimentos, sejam eles do passado, presente ou futuro.

Entretanto, o gênero *artigo de opinião* apresentou maior ocorrência do tipo *dissertativo* - 12 de 64 casos (18,8%), no qual, segundo Travaglia (2003, p. 102) os argumentos, que fazem parte desse tipo textual, “[...] mobilizam explicitamente argumentos e recursos linguísticos apropriados ao convencimento/ persuasão do interlocutor [...]”. *Narrativo* com 12 de 69 casos (17,4%) e o tipo *injuntivo*, com apenas 5 casos de posposição dentre 18 dados (27,8%), ocorreu somente no *artigo de opinião*. Mesmo com menos dados, apresenta uma tendência, mais do que os outros, à posposição, pois, com relação à quantidade de dados encontrados, foi o que exibiu o maior índice de VS (cf. tabela 4).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa consistiu em coletar dados dos textos selecionados do jornal *O Araraquarense*, que circulou na cidade de Araraquara, interior de São Paulo, no início do século XX. Esses textos foram privilegiadamente dos gêneros “nota social” e “artigos de opinião” e serviram de *corpus* para a análise do fenômeno “ordem sujeito-verbo” e também para compará-los com o critério de que as sentenças apresentassem sujeito explícito. Dessa forma, buscamos mostrar que as construções do tipo (X)VS e VXS são possíveis e bem aceitas (Berlinck 1988, 1989, 2000; Kato & Tarallo 1988, 1993; Ribeiro 2001) e que no Português Brasileiro do início do século XX construções com sujeito posposto estão sujeitas a uma condição de monoargumentalidade, ou seja, a variação entre sujeito anteposto e posposto ocorre essencialmente junto de predicados monoargumentais (Kato et al 1996; Coelho 2000; Berlinck, Duarte & Oliveira 2009).

No decorrer da pesquisa fomos demonstrando com quais dos fatores utilizados para a análise, já mencionados anteriormente, a posposição foi mais favorável em cada gênero. A primeira distinção encontrada foi com relação ao tipo morfológico do sujeito: no *artigo de opinião*, pudemos verificar a posposição com os tipos de sujeitos, já nas *notas sociais* ela ficou restrita somente ao *nome próprio* e ao *sintagma nominal*. Com relação aos verbos utilizados, a posposição ocorreu com todos eles, em ambos os gêneros, sendo o verbo *inacusativo* mais recorrente, representando, assim, um contexto mais favorável a posposição tanto nas *notas*, como no *artigo de opinião*.

Quanto à construção, é importante ressaltar que no *artigo de opinião* o maior número de dados, com sujeito posposto, foi o que ele apareceu mais próximo ao verbo (VSX), já nas *notas sociais* a construção que se sobressaiu foi aquela em que o sujeito não vem imediatamente após o verbo (VXS).

Em toda a análise foi possível observar as diferenças, quanto à posposição, entre os gêneros *artigo de opinião* e *nota social*. O primeiro chamou atenção por sua “heterogeneidade” (Mascuschi, 2005), já que encontramos nele três tipos textuais distintos: *dissertativo*, *injuntivo* e *narrativo* e por permitir mais liberdade criativa ao redator. Já nas *notas sociais*, este último tipo foi o único encontrado. O resultado geral também mostrou uma grande discrepância entre um gênero e outro, ou seja, o *artigo de opinião* apresentou 19,2% de sujeitos pospostos, contra 47,1% das *notas sociais*.

Dessa forma, conclui-se que, apesar do predomínio da ordem SVO, ainda é possível encontrar, em diferentes situações e em distintos gêneros, a posposição do sujeito. Mostramos também que esta posposição não ficou restrita a nenhum gênero, apesar da porcentagem das *notas sociais* serem mais elevada, e nem a nenhum dos fatores propostos para a análise, já que todos apresentaram casos com o fenômeno da posposição. Assim, também pode-se concluir que o tipo textual influi na análise da variação linguística e mesmo que já haja uma grande quantidade de trabalhos na área da Sociolinguística que estudam gêneros textuais que, comprovadamente, contribuem para a análise dos fenômenos linguísticos, os tipos textuais, como comprovado na presente pesquisa, auxiliam na compreensão desses gêneros e, portanto, também são relevantes para essas análises.

REFERÊNCIAS

- ABREU, A. S. **Gramática mínima:** para o domínio da língua padrão. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F; BENTES, A. C. (orgs) **Introdução à linguística.** V. 1. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, M. M.; MEDEIROS, J. B. **Comunicação em Língua Portuguesa:** para os cursos de Jornalismo, Propaganda e Letras. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2000
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37 ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERLINCK, R. de A. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. L. (org) **Fotografias Sociolinguísticas.** Campinas, SP: Pontes: Editora da Unicamp. 1989.
- BERLINCK, R.de A. Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis. In: KATO, M.A.; NEGRÃO, E.V. (eds) **Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter.** Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2000. p. 175-194.
- BERLINCK, R. de A.; DUARTE, M.E.L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: **Gramática do Português Culto Falado no Brasil.** Vol. 3: A construção da sentença. Campinas,SP: Editora da UNICAMP, 2009.
- BERLINCK, R.de A.; COELHO, I.L. **Variação e mudança da ordem do sujeito em construções declarativas no português do século XIX.** Comunicação apresentada no XVI Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Folología de la América Latina (ALFAL). Alcalá de Henares, Espanha. 2011.
- BONINI, A. OS gêneros do jornal: o que aponta a literatura da área de comunicação no Brasil? **Revista Linguagem em (Dis)curso,** volume 4, número 1, jul/dez. 2003.
- ELEUTÉRIO, M. de L. Tempos eufóricos da imprensa republicana: imprensa a serviço do progresso. In: ANA, L. M., TANIA, R. de L. (orgs) **História da imprensa no Brasil.** São Paulo: Contextos, 2008.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972]
- LAGE, N., 1936- **Estrutura da notícia.** - 6 ed.- São Paulo: Ática 2006.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais**: definição e funcionalidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna; 2005.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

PONTES, E. A ORDEM VS EM PORTUGUÊS. In: PONTES, E. - **O tópico no português do Brasil**, Campinas: Pontes Editores, p. 105-147, 1987.

RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G.G. **Dicionário de comunicação**, 2 ed. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

TRAVAGLIA, L. C. (2003). “Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos” In: FÁVERO, L. L.; BASTOS, NEUSA, M. de O. B. e MARQUESI, Sueli Cristina (org.). **Língua Portuguesa pesquisa e ensino**- vol. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007, p. 97-117.

TRAVAGLIA, L. C. A caracterização de categorias de textos: tipos, gêneros e espécies. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 51, p. 39-79, 2007.

TRAVAGLIA, L. C. **Aspectos da pesquisa sobre tipologia textual**. Revista de estudos da linguagem. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, v.20, n.2, p. 361-387, jul./dez. 2012

1. APÊNDICE: Grupo de fatores analisados

FATORES PARA A ANÁLISE		
1. Posição do sujeito:	A	Sujeito anteposto
	P	Sujeito posposto
2. Tipo morfológico do sujeito:	n	Sintagma nominal
	p	Pronome pessoal
	d	Pronome demonstrativo
	i	Pronome indefinido
	r	Nome próprio
3. Tipo de verbo:	I	Verbo intransitivo
	C	Verbo inacusativo
	L	Verbo de ligação
	D	Transitivo direto
	N	Transitivo indireto
	B	Bitransitivo
4. Construção:	1	SV(X)
	2	VS(X)
	3	XSV(X)
	4	SXV
	5	VXS
5. Tipo textual:	j	injuntivo
	t	dissertativo
	c	descritivo
	n	narrativo

2. APÊNDICE: Todos os dados quantificados pelo programa GOLDVARB (Tagliamonte, 2006)

Artigo de opinião:

Number of cells: 86
 Application value(s): AP
 Total no. of factors: 19

Group		A	P	Total	%

1 (2)		A	P		
i	N	2	2	4	2.6
	%	50.0	50.0		
p	N	28	11	39	25.8
	%	71.8	28.2		
n	N	66	13	79	52.3
	%	83.5	16.5		
d	N	7	1	8	5.3
	%	87.5	12.5		
r	N	19	2	21	13.9
	%	90.5	9.5		
Total	N	122	29	151	
	%	80.8	19.2		

2 (3)		A	P		
C	N	10	3	13	8.6
	%	76.9	23.1		
B	N	15	5	20	13.2
	%	75.0	25.0		
D	N	36	10	46	30.5
	%	78.3	21.7		
I	N	6	1	7	4.6
	%	85.7	14.3		
L	N	27	7	34	22.5
	%	79.4	20.6		
N	N	28	3	31	20.5
	%	90.3	9.7		
Total	N	122	29	151	
	%	80.8	19.2		

3 (4)		A	P		
1	N	85	0	85	56.3
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
3	N	23	0	23	15.2
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
2	N	0	22	22	14.6
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
4	N	14	0	14	9.3

	%	100.0	0.0		* KnockOut *
5	N	0	7	7	4.6
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	122	29	151	
	%	80.8	19.2		

4 (5)		A	P		
j	N	13	5	18	11.9
	%	72.2	27.8		
n	N	57	12	69	45.7
	%	82.6	17.4		
t	N	52	12	64	42.4
	%	81.2	18.8		
Total	N	122	29	151	
	%	80.8	19.2		

TOTAL	N	122	29	151	
	%	80.8	19.2		

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	i	%	p	%	n	%	d	%	r	%	Σ	%
C A:	1	100:	0	--:	7	70:	0	--:	2	100	10	77
P:	0	0:	0	--:	3	30:	0	--:	0	0	3	23
Σ:	1	:	0	:	10	:	0	:	2		13	
B A:	0	--:	4	57:	8	89:	1	50:	2	100	15	75
P:	0	--:	3	43:	1	11:	1	50:	0	0	5	25
Σ:	0	:	7	:	9	:	2	:	2		20	
D A:	1	50:	12	86:	15	75:	1	100:	7	78	36	78
P:	1	50:	2	14:	5	25:	0	0:	2	22	10	22
Σ:	2	:	14	:	20	:	1	:	9		46	
I A:	0	--:	2	100:	2	67:	0	--:	2	100	6	86
P:	0	--:	0	0:	1	33:	0	--:	0	0	1	14
Σ:	0	:	2	:	3	:	0	:	2		7	
L A:	0	0:	5	56:	14	88:	3	100:	5	100	27	79
P:	1	100:	4	44:	2	12:	0	0:	0	0	7	21
Σ:	1	:	9	:	16	:	3	:	5		34	
N A:	0	--:	5	71:	20	95:	2	100:	1	100	28	90
P:	0	--:	2	29:	1	5:	0	0:	0	0	3	10
Σ:	0	:	7	:	21	:	2	:	1		31	
Σ A:	2	50:	28	72:	66	84:	7	88:	19	90	122	81
P:	2	50:	11	28:	13	16:	1	12:	2	10	29	19
Σ:	4	:	39	:	79	:	8	:	21		151	

Group #1 -- horizontally.
Group #3 -- vertically.

	i	%	p	%	n	%	d	%	r	%	Σ	%
1 A:	2	100:	18	100:	44	100:	5	100:	16	100	85	100
P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0

	Σ:	2	:	18	:	44	:	5	:	16		85
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
3	A:	0	--:	9	100:	11	100:	1	100:	2	100	23
	P:	0	--:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0
	Σ:	0	:	9	:	11	:	1	:	2		23
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
2	A:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0
	P:	1	100:	10	100:	8	100:	1	100:	2	100	22
	Σ:	1	:	10	:	8	:	1	:	2		22
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
4	A:	0	--:	1	100:	11	100:	1	100:	1	100	14
	P:	0	--:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0
	Σ:	0	:	1	:	11	:	1	:	1		14
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
5	A:	0	0:	0	0:	0	0:	0	--:	0	--	0
	P:	1	100:	1	100:	5	100:	0	--:	0	--	7
	Σ:	1	:	1	:	5	:	0	:	0		7
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-
Σ	A:	2	50:	28	72:	66	84:	7	88:	19	90	122
	P:	2	50:	11	28:	13	16:	1	12:	2	10	29
	Σ:	4	:	39	:	79	:	8	:	21		151

Group #1 -- horizontally.
Group #4 -- vertically.

		i	%	p	%	n	%	d	%	r	%	Σ	%
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
j	A:	1	100:	3	50:	6	75:	3	100:	0	--	13	72
	P:	0	0:	3	50:	2	25:	0	0:	0	--	5	28
	Σ:	1	:	6	:	8	:	3	:	0		18	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
n	A:	0	0:	19	83:	32	86:	0	--:	6	75	57	83
	P:	1	100:	4	17:	5	14:	0	--:	2	25	12	17
	Σ:	1	:	23	:	37	:	0	:	8		69	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
t	A:	1	50:	6	60:	28	82:	4	80:	13	100	52	81
	P:	1	50:	4	40:	6	18:	1	20:	0	0	12	19
	Σ:	2	:	10	:	34	:	5	:	13		64	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-
Σ	A:	2	50:	28	72:	66	84:	7	88:	19	90	122	81
	P:	2	50:	11	28:	13	16:	1	12:	2	10	29	19
	Σ:	4	:	39	:	79	:	8	:	21		151	

Group #2 -- horizontally.
Group #3 -- vertically.

		C	%	B	%	D	%	I	%	L	%	N	%	Σ	%
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
1	A:	9	100:	11	100:	23	100:	5	100:	18	100:	19	100	85	100
	P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
	Σ:	9	:	11	:	23	:	5	:	18	:	19		85	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
3	A:	1	100:	2	100:	11	100:	1	100:	3	100:	5	100	23	100
	P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
	Σ:	1	:	2	:	11	:	1	:	3	:	5		23	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
2	A:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
	P:	3	100:	4	100:	9	100:	1	100:	3	100:	2	100	22	100
	Σ:	3	:	4	:	9	:	1	:	3	:	2		22	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-
4	A:	0	--:	2	100:	2	100:	0	--:	6	100:	4	100	14	100
	P:	0	--:	0	0:	0	0:	0	--:	0	0:	0	0	0	0
	Σ:	0	:	2	:	2	:	0	:	6	:	4		14	
		+	-	-	-	+	-	-	-	+	-	-	-	+	-

5 A:	0	--:	0	0:	0	0:	0	--:	0	0:	0	0	0	0
P:	0	--:	1	100:	1	100:	0	--:	4	100:	1	100	7	100
Σ:	0	:	1	:	1	:	0	:	4	:	1		7	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----														
Σ A:	10	77:	15	75:	36	78:	6	86:	27	79:	28	90	122	81
P:	3	23:	5	25:	10	22:	1	14:	7	21:	3	10	29	19
Σ:	13	:	20	:	46	:	7	:	34	:	31		151	

Group #2 -- horizontally.
Group #4 -- vertically.

	C	%	B	%	D	%	I	%	L	%	N	%	Σ	%
j A:	1	100:	4	57:	3	75:	1	100:	2	100:	2	67	13	72
P:	0	0:	3	43:	1	25:	0	0:	0	0:	1	33	5	28
Σ:	1	:	7	:	4	:	1	:	2	:	3		18	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----														
n A:	4	67:	7	88:	15	71:	4	80:	13	93:	14	93	57	83
P:	2	33:	1	12:	6	29:	1	20:	1	7:	1	7	12	17
Σ:	6	:	8	:	21	:	5	:	14	:	15		69	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----														
t A:	5	83:	4	80:	18	86:	1	100:	12	67:	12	92	52	81
P:	1	17:	1	20:	3	14:	0	0:	6	33:	1	8	12	19
Σ:	6	:	5	:	21	:	1	:	18	:	13		64	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----														
Σ A:	10	77:	15	75:	36	78:	6	86:	27	79:	28	90	122	81
P:	3	23:	5	25:	10	22:	1	14:	7	21:	3	10	29	19
Σ:	13	:	20	:	46	:	7	:	34	:	31		151	

Group #3 -- horizontally.
Group #4 -- vertically.

	1	%	3	%	2	%	4	%	5	%	Σ	%
j A:	9	100:	2	100:	0	0:	2	100:	0	0	13	72
P:	0	0:	0	0:	4	100:	0	0:	1	100	5	28
Σ:	9	:	2	:	4	:	2	:	1		18	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----												
n A:	42	100:	12	100:	0	0:	3	100:	0	--	57	83
P:	0	0:	0	0:	12	100:	0	0:	0	--	12	17
Σ:	42	:	12	:	12	:	3	:	0		69	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----												
t A:	34	100:	9	100:	0	0:	9	100:	0	0	52	81
P:	0	0:	0	0:	6	100:	0	0:	6	100	12	19
Σ:	34	:	9	:	6	:	9	:	6		64	
+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----												
Σ A:	85	100:	23	100:	0	0:	14	100:	0	0	122	81
P:	0	0:	0	0:	22	100:	0	0:	7	100	29	19
Σ:	85	:	23	:	22	:	14	:	7		151	

Notas sociais:

Number of cells: 39
 Application value(s): PA
 Total no. of factors: 16

Group		P	A	Total	%

1 (2)		P	A		
n	N	60	85	145	77.5
	%	41.4	58.6		
r	N	28	13	41	21.9
	%	68.3	31.7		
d	N	0	1	1	0.5
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	88	99	187	
	%	47.1	52.9		

2 (3)		P	A		
D	N	34	42	76	40.6
	%	44.7	55.3		
I	N	10	17	27	14.4
	%	37.0	63.0		
L	N	11	18	29	15.5
	%	37.9	62.1		
B	N	9	11	20	10.7
	%	45.0	55.0		
C	N	22	9	31	16.6
	%	71.0	29.0		
N	N	2	2	4	2.1
	%	50.0	50.0		
Total	N	88	99	187	
	%	47.1	52.9		

3 (4)		P	A		
5	N	70	0	70	37.4
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
1	N	0	48	48	25.7
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
4	N	0	39	39	20.9
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
2	N	18	0	18	9.6
	%	100.0	0.0		* KnockOut *
3	N	0	12	12	6.4
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	88	99	187	
	%	47.1	52.9		

4 (5)		P	A		
n	N	88	97	185	98.9

	%	47.6	52.4		
t	N	0	2	2	1.1
	%	0.0	100.0		* KnockOut *
Total	N	88	99	187	
	%	47.1	52.9		

TOTAL	N	88	99	187	
	%	47.1	52.9		

Group #1 -- horizontally.
Group #2 -- vertically.

	n	%	r	%	d	%	Σ	%
D P:	27	46:	7	41:	0	--	34	45
A:	32	54:	10	59:	0	--	42	55
Σ:	59	:	17	:	0		76	
I P:	7	29:	3	100:	0	--	10	37
A:	17	71:	0	0:	0	--	17	63
Σ:	24	:	3	:	0		27	
L P:	6	27:	5	83:	0	0	11	38
A:	16	73:	1	17:	1	100	18	62
Σ:	22	:	6	:	1		29	
B P:	9	45:	0	--:	0	--	9	45
A:	11	55:	0	--:	0	--	11	55
Σ:	20	:	0	:	0		20	
C P:	10	59:	12	86:	0	--	22	71
A:	7	41:	2	14:	0	--	9	29
Σ:	17	:	14	:	0		31	
N P:	1	33:	1	100:	0	--	2	50
A:	2	67:	0	0:	0	--	2	50
Σ:	3	:	1	:	0		4	

Σ P:	60	41:	28	68:	0	0	88	47
A:	85	59:	13	32:	1	100	99	53
Σ:	145	:	41	:	1		187	

Group #1 -- horizontally.
Group #3 -- vertically.

	n	%	r	%	d	%	Σ	%
5 P:	43	100:	27	100:	0	--	70	100
A:	0	0:	0	0:	0	--	0	0
Σ:	43	:	27	:	0		70	
1 P:	0	0:	0	0:	0	--	0	0
A:	41	100:	7	100:	0	--	48	100
Σ:	41	:	7	:	0		48	
4 P:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
A:	32	100:	6	100:	1	100	39	100

	Σ:	32	:	6	:	1		39	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -							
2	P:	17	100:	1	100:	0	--	18	100
	A:	0	0:	0	0:	0	--	0	0
	Σ:	17	:	1	:	0		18	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -							
3	P:	0	0:	0	--:	0	--	0	0
	A:	12	100:	0	--:	0	--	12	100
	Σ:	12	:	0	:	0		12	
		+-----+-----+-----+-----							
Σ	P:	60	41:	28	68:	0	0	88	47
	A:	85	59:	13	32:	1	100	99	53
	Σ:	145	:	41	:	1		187	

Group #1 -- horizontally.
Group #4 -- vertically.

		n	%	r	%	d	%	Σ	%
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -							
n	P:	60	42:	28	68:	0	0	88	48
	A:	83	58:	13	32:	1	100	97	52
	Σ:	143	:	41	:	1		185	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - -							
t	P:	0	0:	0	--:	0	--	0	0
	A:	2	100:	0	--:	0	--	2	100
	Σ:	2	:	0	:	0		2	
		+-----+-----+-----+-----							
Σ	P:	60	41:	28	68:	0	0	88	47
	A:	85	59:	13	32:	1	100	99	53
	Σ:	145	:	41	:	1		187	

Group #2 -- horizontally.
Group #3 -- vertically.

		D	%	I	%	L	%	B	%	C	%	N	%	Σ	%
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -													
5	P:	28	100:	9	100:	6	100:	5	100:	20	100:	2	100	70	100
	A:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
	Σ:	28	:	9	:	6	:	5	:	20	:	2		70	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -													
1	P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0	0	0
	A:	18	100:	10	100:	12	100:	4	100:	2	100:	2	100	48	100
	Σ:	18	:	10	:	12	:	4	:	2	:	2		48	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -													
4	P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	--	0	0
	A:	18	100:	6	100:	5	100:	3	100:	7	100:	0	--	39	100
	Σ:	18	:	6	:	5	:	3	:	7	:	0		39	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -													
2	P:	6	100:	1	100:	5	100:	4	100:	2	100:	0	--	18	100
	A:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	--	0	0
	Σ:	6	:	1	:	5	:	4	:	2	:	0		18	
		+ - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - - + - - - -													
3	P:	0	0:	0	0:	0	0:	0	0:	0	--:	0	--	0	0
	A:	6	100:	1	100:	1	100:	4	100:	0	--:	0	--	12	100
	Σ:	6	:	1	:	1	:	4	:	0	:	0		12	
		+-----+-----+-----+-----+-----+-----+-----													
Σ	P:	34	45:	10	37:	11	38:	9	45:	22	71:	2	50	88	47
	A:	42	55:	17	63:	18	62:	11	55:	9	29:	2	50	99	53
	Σ:	76	:	27	:	29	:	20	:	31	:	4		187	

Group #2 -- horizontally.
 Group #4 -- vertically.

	D	%	I	%	L	%	B	%	C	%	N	%	Σ	%
n P:	34	45:	10	38:	11	38:	9	45:	22	71:	2	50	88	48
A:	41	55:	16	62:	18	62:	11	55:	9	29:	2	50	97	52
Σ:	75	:	26	:	29	:	20	:	31	:	4		185	
t P:	0	0:	0	0:	0	--:	0	--:	0	--:	0	--	0	0
A:	1	100:	1	100:	0	--:	0	--:	0	--:	0	--	2	100
Σ:	1	:	1	:	0	:	0	:	0	:	0		2	
Σ P:	34	45:	10	37:	11	38:	9	45:	22	71:	2	50	88	47
A:	42	55:	17	63:	18	62:	11	55:	9	29:	2	50	99	53
Σ:	76	:	27	:	29	:	20	:	31	:	4		187	

Group #3 -- horizontally.
 Group #4 -- vertically.

	5	%	1	%	4	%	2	%	3	%	Σ	%
n P:	70	100:	0	0:	0	0:	18	100:	0	0	88	48
A:	0	0:	48	100:	37	100:	0	0:	12	100	97	52
Σ:	70	:	48	:	37	:	18	:	12		185	
t P:	0	--:	0	--:	0	0:	0	--:	0	--	0	0
A:	0	--:	0	--:	2	100:	0	--:	0	--	2	100
Σ:	0	:	0	:	2	:	0	:	0		2	
Σ P:	70	100:	0	0:	0	0:	18	100:	0	0	88	47
A:	0	0:	48	100:	39	100:	0	0:	12	100	99	53
Σ:	70	:	48	:	39	:	18	:	12		187	

3. APÊNDICE: Amostra de frases analisadas

Artigo de opinião:

- (AiC1j e cada um póde apparecer a seu modo A-1-8-12- A inveja)
- (ApB1j porque ella traz muitos cuidados que a pobreza não tem A-1-8-12-A inveja)
- (PiD2n cada um assoldadou uma avalanche de camponezes A-2-6-12-De longe)
- (PrD2n «Assim fallou Zarathrusta» A-7-1-12-Ulysses e Dionysos)
- (ApB1j porque elle traz comsigo muitas responsabilidades A-1-8-12-A inveja)
- (AnD1n os senhores se devem lembrar muito bem duma celebre Helena A-2-6-12-De longe)
- (PnL5t são uma farça os taes apisodios A-3-3-12-De longe)
- (PdB3t nenhum beneficio nos trouxe aquelle sanguinarismo dos gregos A-2-6-12-De longe)
- (ArL1t a Helenazinha era um perigo A-2-6-12-De longe)
- (AnD1t os malditos já reconstituíram a scena A-2-6-12-De longe)
- (PnD2n chegou o comboio muito barulhento A-10-3-12-De vez em quando...)
- (AnL1t o coração das mulheres é louco pelas collectividades como muleques por «meetings» com musica A-2-6-12-De longe)
- (AiD2n cada um assoldadou uma avalanche de camponezes A-2-6-12-De longe)
- (PpD2n faz elle regularmente cinco passeios pela cidade A-22-8-12-Adão a cavallo)
- (AnD4t o accordo ainda não se fez nesse sentido A-3-12-11-Quaes são as melhores horas de trabalho?)
- (AnL4t a obra do jornalista, entretanto, é ligeira A-3-12-11-Quaes são as melhores horas de trabalho?)
- (PpL2t muito tempo esteve elle desprezado A-12-5-12-De longe)
- (AnL1n o ceu estava limpido e anilado A-25-7-12-Tristes recordações)
- (PpB2n a's 7 da manhã dá elle o seu primeiro giro A-22-8-12-Adão a cavallo)

Notas sociais:

(PrD5n Nada deixou a desejar o tenos A. Benech A-7-4-12- Diversões)

(AnL1n O espectáculo será brilhantemente terminado A-10-12-11- Diversões)

(AnB3n Simplesmente magnífico o espectáculo cinematographico que nos proporcionou hontem a sympathica Empreza do Bijou A-3-12-11- Diversões)

(PnD5n Fez sua estréa, Quinta feira nesta cidade, com optima concorrência, a apreciada companhia do Circo Norte Americano A-3-12-11- Diversões)

(AnI1n Alguns trabalhos agradaram bastante A-3-12-11- Diversões)

(AnB3n Hontem a companhia deu mais um espectáculo A-3-12-11- Diversões)

(PnD2n Hoje, á tarde, tocará no jardim publico a excellente corporação musical «Carlos Gomes» A-3-12-11- Diversões)

(PnC2n Com successo continua a trabalhar nesta cidade, a Companhia Italiana de Operas e Operetas, dirigida pelo Cav. F. Camerata A-7-4-12- Diversões)

(AnI4n O papel de Anna Glavari (Viuva Alegre) foi desempenhado galhardamente pela sympathica e applaudida prima dona Lima Redel A-7-4-12- Diversões)

(ArD4n Lina Ledel, embora trabalhasse visivelmente um tanto constrangida, devido a achar-se um pouco doente, soube vencer todas as dificuldades do seu papel de protagonista A-7-4-12- Diversões)

(PnB5n Domingo, foi levada á scena a opereta em 3 actos- La Mascotte A-7-4-12- Diversões)

(AnI5n O duetto cantado por esta artista e o apreciado barytono G. Cioni, que fez a parte de Tonio, foi um pleno successo A-7-4-12- Diversões)

(AnI4n A distribuição das partes foi optima A-7-4-12- Diversões)

(PrC5n Fartos applausos conquistou Almanzi no fim do segundo acto A-7-4-12- Diversões)

(AnD1n A' pequena Lydia apresentamos nossos parabens A-17-01-12- Vida social)

(AnL4n O lar do Sr. Jayme Pinto Ferreira, zeloso funcionario postal nesta cidade, está enriquecido, desde hontem, com o nascimento de mais um robusto menino A-18-02-12- Vida social)